

V

DIÁLOGO

SOBRE AS GESTAS DE SANTO ANTÓNIO

por um Frade Menor anónimo
(1245-1246)

Introdução: *Frei Henrique Pinto Rema*, OFM

Tradução: *Frei José Maria da Fonseca Guimarães*, OFM

Título original:

DIALOGUS DE GESTIS BEATI ANTONII
EX DIALOGO SANCTORUM FRATRUM MINORUM
DECERPTUS

anonymo fratre o. Min. auctore (1245-1246)

INTRODUÇÃO

O «Dyalogus sanctorum fratrum minorum», obra de anónimo franciscano, que o terá redigido à volta do ano de 1245, contém um capítulo dedicado a Santo António intitulado «Dyalogus de gestis Beati Antonii». O seu Autor compusera esta obra a pedido do Ministro Geral Frei Crescêncio de Jesi, com o fim de preservar a santa memória dos tempos heróicos da Ordem e, além disso, louvar o Altíssimo e edificar os leitores.

A fonte principal é a Legenda Assidua, que o Autor abrevia sobretudo na parte biográfica, a de maior interesse para o leitor moderno, e amplia na parte taumatúrgica, nem sempre com justeza, num estilo empolado, por vezes de difícil compreensão. Apesar do realce dado ao aspecto taumatúrgico de Santo António, apenas acrescenta dois milagres aos já conhecidos das Legendas anteriores (que não referenciam milagres propriamente ditos em vida do Santo): o dum jovem de Monopoli e duma menina de Camporotondo, ambos sem nome.

Os manuscritos do Dyalogus não abundam. A primeira edição completa é efectuada pelo franciscano P. Ferdinand-Marie d'Araules (Delorme), em 1923; a primeira edição crítica, acompanhada de tradução italiana, deve-se ao franciscano conventual P. Vergilio Gamboso no ano de 1986.

CAPÍTULO I

Introdução Geral

1. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.
2. Exarar por escrito as gestas dos nossos veneráveis predecessores e as glórias dos antepassados dignas de serem recordadas, além de constituir a expressão dum sentimento de gratidão e afecto, também costuma produzir frutos abundantes e proveitosos para outros fiéis vindouros. 3. O primeiro desses frutos consiste na glorificação do Criador do universo e Autor supremo de todas as maravilhas, admirável de majestade nos seus santos. 4. Um segundo fruto é o de robustecer alguns cristãos que espiritualmente são ainda como crianças: sendo a sua fé incipiente estimulada por exemplos tão flagrantemente de virtude, podem ir pondo de parte as papinhas infantis e começarem a nutrir-se de alimentos mais sólidos; tomando por modelo uma vida mais perfeita, a sua fé ir-se-á assim robustecendo.

5. Outro fruto, finalmente, será conseguir que a heresia, tão maléfica como obstinada, venha a reconhecer os seus erros e volte à unidade da fé católica: ela, que tanto se empenha em ofuscar e denegrir o brilho resplandecente da verdade, poderá render-se perante a vida impoluta dos antepassados, apoiada em milagres e prodígios; ou então, no caso de continuar a arreganhar os dentes de inveja, que venha a apodrecer na tacanhez da sua pérfida cegueira.

6. Foram motivos desta ordem que me induziram, apesar de eu não passar dum servo inútil de Cristo, a reunir no presente opúsculo, para louvor e glória da divina majestade, exemplos admiráveis de virtude, que a onipotência do Criador se dignou oferecer-nos por meio de alguns santos irmãos da nossa Ordem em várias partes do mundo. Tomei essa iniciativa em obediência ao reverendo padre e Ministro Geral Frei Crescêncio, depois de me haver certificado sobre a veracidade dos factos. 7. Assim, a piedade e devoção dos irmãos poderá dispor dum elenco resumido de gestas heróicas. Oxalá o meu estilo sucinto consiga estimular os

leitores modernos, que apreciam a brevidade, e admirar com mais atenção e interesse as provas da magnificência divina.

8. Nunca, porém, me passou pela cabeça descrever aqui todos os prodígios de virtude desses irmãos, espalhados por quase toda a terra. Limito-me a narrar factos considerados absolutamente fidedignos, ou por terem sido aprovados e consignados em notariado público, após descrição fiel corroborada por testemunhas — isto por determinação do Sumo Pontífice e na presença de investigadores delegados pela Sé Apostólica — ou então por eu mesmo os haver recolhido de irmãos da nossa Ordem ainda vivos, que os testemunharam e deles me fizeram um relato verídico.

9. Ao começar cada uma das partes desta obra, pareceu-me oportuno apresentar um conspecto geral e fazer um resumo da vida e das virtudes das respectivas personagens, à guisa de prefácio.

10. Um tal modelo de perfeição assim patenteado estimulará à emulação pelo exemplo de virtude, e a indesmentível sinceridade da vida abonará a fé nos milagres, os quais, como é sabido, se destinam tanto aos crentes como aos não crentes.

11. Enfim, para, por um lado, evitar o fastio a algum leitor de estômago mais delicado, e, por outro lado, para proporcionar aos ouvintes devotos um maior prazer em me escutarem, apresentarei dois irmãos a dialogarem entre si, desempenhando um o papel de NARRADOR e outro o de OUVINTE. 12. Assim, se a autenticidade dos factos descritos causar espanto ou mesmo dúvida em alguém menos esclarecido na fé, uma pergunta pertinente sobre o assunto poderá mostrar como isso está de acordo com os ditames indefectíveis da Sagrada Escritura, e que nada é difícil para a onipotência do Criador, desde que haja uma fé capaz de aceitar a graça divina e suficientemente dócil para se deixar esclarecer.

CAPÍTULO II

Características e finalidade desta obra

1. NARRADOR - Depois de em tempos idos Deus ter revelado por diversas vezes e de muitos modos a grandeza da sua imensa majestade e as riquezas da sua glória aos nossos antepassados e aos profetas, ultimamente, em nossos dias, numa tentativa de espreitar a fé adormecida, depois das estupendas façanhas dos nossos ancestrais, reavivando a memória dos seus portentos, houve por bem renovar prodígios, dando aos milagres outra forma e outro vigor. 2. Efectivamente, se Deus no nosso tempo assumiu à sua beatitude alguns seres humanos revestidos como nós de carne mortal, e os está a fazer brilhar aos olhos do mundo com milagres absolutamente inéditos, 3. isso não significa outra coisa senão que a mão poderosíssima do Redentor está em acção no coração dos predestinados, robustecendo-os por meio dessa generosa sementeira de milagres bem visíveis e alimentando a esperança dos bens futuros já prometidos aos fiéis.

4. Como fundamento das coisas que esperamos, a fé pode ficar um tanto obscurecida quando desapoiada daquela sua parte que se baseia em argumentos sólidos da sabedoria humana. Nessas condições, sendo estimulada por uma prova sensível, prefere estribar-se em milagres mais do que na verdade, há muito consignada por escrito e transmitida duma vez para sempre. 5. E assim, por intervenção da misericórdia divina, a debilidade duma fé moribunda consegue robustecer-se, segundo o indubitável testemunho da promessa evangélica, de que nos membros mais vigorosos da Igreja há-de perdurar, até ao fim dos tempos, o poder que lhe foi conferido e a graça das virtudes.

6. OUVINTE - Confesso que muitas vezes me quedo em profunda contemplação mental sobre figuras gloriosas do Novo e do Antigo Testamento, cujas vidas admiráveis a história nos transmitiu pela Sagrada Escritura; e sinto-me tanto menos inclinado a admirar-lhes as virtudes, quanto mais vou descobrindo, nos seus

actos e na eficácia das suas palavras, um vislumbre da majestade divina. 7. Mas teria imenso gosto, irmão caríssimo, em que contases, embora sucintamente, algo sobre virtudes e milagres de irmãos da nossa Ordem, já para edificação de confrades actuais, já para fortalecer a fé ainda débil de outros que no futuro venham a renascer para uma vida nova. Dessa forma, ao ouvir descrever as façanhas das suas vidas, poderei descobrir quanto a mim me falta de perfeição, e sentir-me estimulado a imitar a fé e a virtude desses irmãos, dentro dos limites da minha possibilidade.

8. NARRADOR - Desejaria, no entanto, irmão, que me poupasses a perguntas sobre a vida e virtudes de nosso Pai S. Francisco, a fim de mais depressa abordar outros assuntos. De resto, desde há muito tempo, tiveste a possibilidade de ler a sua biografia e as maravilhas por ele realizadas enquanto passou conosco a etapa da vida terrena, bem como as que continua a realizar agora que reina com Cristo: tudo isso já foi escrito por outro irmão, em estilo extremamente acessível e meticuloso. 9. No entanto, talvez esse autor não tenha tido conhecimento de certos milagres do santo Pai, ou porque lhe não tenham podido chegar aos ouvidos em razão da distância dos sítios onde ocorreram, ou então porque, achando que seriam demais, desistiu de enumerar a série completa e deixou de os apresentar.

10. Para começar, vamos referir-nos a irmãos cujas gestas heróicas foram divulgadas sobretudo pela fama, portanto, sancionadas por uma autoridade que não é a suprema: no entanto, os factos que me proponho narrar são dignos de admiração e merecem ser escutados com devoção por ouvidos piedosos.

CAPÍTULO III

Primeira fase da vida de Santo António

1. OUVINTE - Gostaria de te ouvir falar acerca da história e dos milagres de uma personalidade que nos últimos tempos se

tornou extremamente famosa em terras de Itália: refiro-me ao nosso confrade Frei António. Com certeza saberás muita coisa a seu respeito.

2. NARRADOR - Está bem, irmão. De bastantes dessas coisas que me pedes para descrever, eu mesmo fui testemunha ocular; da maior parte delas, porém, apenas me recordo por as ter ouvido contar a testemunhas fidedignas. Tanto dumas como doutras, no entanto, por amor da brevidade, apenas escolherei algumas, se, como dizes, tiveres interesse em escutar-me com benevolência e devoção.

3. OUVINTE - Só te peço encarecidamente que não me faças esperar mais para dares início à narrativa. O meu espírito está preparado e ansioso por ouvir-te começar o discurso.

4. NARRADOR - Esse célebre Santo António sobre quem me interrogas, sendo hispânico de naturalidade, nasceu e cresceu na cidade de Lisboa. 5. Oriundo duma mui nobre família dessa cidade, quase desde o berço foi adornando a vida de virtudes, como em presságio do que viria a ser mais tarde. 6. Quando já embrenhado nos estudos duma carreira liberal, sentiu crescer-lhe na carne instintos lascivos a tentá-lo para o pecado mais do que seria de esperar. Mas dominou esses instintos de prazer da adolescência: abandonando os estudos literários, foi-se recolher num mosteiro de Santo Agostinho próximo da sua cidade, onde recebeu com humilde devoção o hábito de Cónego Regrante.

7. Aí viveu durante quase dois anos o jovem noviço de Cristo. No entanto, tornava-se-lhe muito penoso ter de suportar as frequentes visitas de amigos e até dos pais, assaz importunas para o recolhimento espiritual. Por isso decidiu abandonar o torrão natal, tão propício à debilidade de ânimos viris; e no desejo duma paz mais frutuosa, transferiu-se, cheio de alegria, para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. 8. Mas, como diz um santo, não é tanto de louvar o ter estado em Jerusalém, mas sim ter lá vivido bem. Por isso ele aí se empenhava em adaptar-se às normas da disciplina

regular, de modo a todos poderem ver que a mudança nele operada era menos uma mudança de lugar que uma mudança de vida.

9. Dedicava agora toda a atenção ao estudo intensivo da Sagrada Escritura, não deixando de falar com Deus e de orar, dia e noite, consoante a melhor oportunidade. 10. Tudo quanto lia, de tal maneira o fixava na sua prodigiosa memória, que dentro de pouco tempo, graças à doutrina assim assimilada, não conseguia ocultar os conhecimentos bíblicos, de forma a espantar toda a gente.

11. Enquanto se desenrolavam estes acontecimentos, sucedeu que certa personalidade de estirpe régia, o Infante D. Pedro, trouxe de Marrocos as relíquias de alguns frades da nossa Ordem, proclamando além disso ter sido miraculosamente salvo pelos méritos desses mártires. A fama foi tão propalada, que alcançou todos os recantos da península. 12. Quando a notícia chegou aos ouvidos de António, logo ele se sentiu invadido pelo desejo do martírio e pelo empenho em ingressar na Ordem dos Frades Menores. Entretanto encomendava a Cristo, com frequentes orações e jejuns, o propósito concebido no coração. 13. Ora, certo dia, uns Frades Menores que moravam num convento vizinho, vieram pedir esmola, como de costume: garantindo-lhe eles que o enviariam a terras de sarracenos, nesse mesmo mosteiro deram ao homem de Deus o hábito de S. Francisco, depois de obtida a licença do superior.

14. Entretanto, ardendo em ânsias de martírio, deu-se pressa em fazer a travessia para Marrocos, aonde os irmãos o tinham enviado. Porém, o Árbitro supremo destinava-o a empresas maiores; por isso permitiu que ele fosse acometido por uma febre inexplicável, constringendo-o, bem contra o seu desejo, a regressar à terra natal a fim de recuperar a saúde. 15. Só que, quando o navio já sulcava o mar rumo a Espanha, por onde o trazia de regresso, foi impelido a abordar terras da Sicília, pois, por disposição divina, os ventos não sopravam de feição.

CAPÍTULO IV

Porque não lhe terá Deus concedido a graça do martírio?

1. OUVINTE - Estou varado com o que acabas de contar. Então porque é que o Onnipotente, conhecendo-lhe os anelos do coração e sendo ele mesmo o inspirador dum ideal tão perfeito, além de não lhe permitir alcançar a glória tão suspirada do martírio, ainda por cima o enviou para uma terra estranha, para o meio de gentes desconhecidas?

2. NARRADOR - Se examinarmos com atenção e profundidade as gestas do Doutor dos gentios, chegaremos à conclusão de não ser assim tanto de admirar essa causa do teu espanto. 3. Também a ele o Espírito Santo o avisara pela boca dos irmãos, de que em Jerusalém o esperavam tribulações e cadeias. Pois, apesar disso, animado pelo ardor da fé, para lá se dirigiu de livre vontade, mesmo prevendo que viria a ser maltratado. 4. Contudo, por disposição divina, não conseguiu nessa altura alcançar a almejada glória do martírio. Pelo contrário, também ele teve de sofrer tribulações por terra e mar antes de chegar à longínqua cidade de Roma. 5. Foi assim que Deus, orientando-lhe a vontade e o agir, e acolhendo como holocausto de suave fragrância a sua piedosa intenção, aceitou a imolação do seu espírito generoso.

6. Com semelhante dilação do propósito e dos projectos de Paulo, pretendia Deus mostrar o que realmente seria mais útil para o bem comum da sua cidade por meio da vida do apóstolo. 7. Com efeito, o valoroso atleta de Cristo, decidido a apresentar-se no tribunal de César em defesa da fé, pôde confirmar, para proveito da Igreja, aquilo que já em várias partes do mundo ensinara por palavra: foi prosseguindo o apostolado, continuando a regar as tenras plantas da sua pregação com salutarese recomendações e epístolas, na medida em que isso ainda era necessário para fiéis pouco esclarecidos na fé. 8. Por isso o mesmo Paulo, mais tarde, depois de conhecer melhor a vontade de Deus, escrevia aos Filipenses: *«Entre as duas opções, nem sei qual escolher: por um lado, desejo*

partir para estar com Cristo, o que seria incomparavelmente melhor; mas por outro lado é mais útil para vós que eu continue a viver»¹.

9. Assim, nem mais nem menos, a Providência divina, não deixando de ter em consideração as aspirações do nosso Santo tão agradáveis ao Senhor, na mira de vir a colher posteriormente mais abundantes frutos de fé, dispôs para o projecto concebido pelo fervor da sua mente uma dilação temporária, de modo que a sua vida resultasse em vantagem para os filhos da Santa Igreja em terras de Itália — muito mais do que a efusão do seu sangue teria resultado para o incremento da fé nessa terra de obstinados incrédulos.

10. OUVINTE - Estou a ver como é extremamente perigoso discutirem sobre a profundidade dos desígnios divinos pessoas ignorantes e rudes, para quem só contam os factos e as palavras exteriores e acessíveis aos sentidos humanos, sem chegarem a fazer uma análise criteriosa do valor das causas. 11. No entanto, uma vez que a minha dúvida obteve uma resposta clara e razoável, rogo-te que prossigas a narração já encetada das gestas dum personagem tão ilustre, e não deixes de esclarecer quanto a sua vida veio mais tarde a ser proveitosa para a Igreja de Cristo.

CAPÍTULO V

O apostolado de Santo António

1. NARRADOR -- Precisamente na altura em que o Santo arribou a terras da Sicília, conforme já referimos, aconteceu estar a celebrar-se nos arredores de Assis um Capítulo Geral da Ordem.

2. António também para lá se dirigiu em companhia de outros irmãos, segundo o costume; e de lá, por determinação do Ministro Geral, foi enviado para a província da Romagna.

¹ Fil 1, 23. 24.

3. Aí viveu durante bastante tempo em vida solitária num lugar chamado Ermo de Monte Paolo. Para obrigar a carne a submeter-se totalmente ao espírito, alimentava-se apenas de pão, muito moderadamente, e bebia exclusivamente água, também com moderação. 4. Desse modo dominou os ímpetos da carne com o freio da oração, das vigílias e duma salutar abstinência, e isto a tal ponto, que acontecia por vezes ouvir o sino a convidá-lo a sair da cela para se associar aos confrades, e, apesar de o desejar fazer, devido à extrema debilidade física só conseguia deslocar-se levado em braços pelos irmãos.

5. Tendo em sumo apreço a humildade, todo se empenhava em evitar qualquer atitude de presunçosa ostentação. Embora possuidor duma cultura vastíssima, servindo-lhe a memória de biblioteca, e apesar de dotado duma excepcional capacidade de palavra sobre assuntos espirituais, os próprios confrades conheciam-no sobretudo como um irmão com muito jeito para lavar loiça, mais do que para expor mistérios da Sagrada Escritura. 6. Os irmãos não suspeitavam sequer que ele fosse versado na Palavra de Deus. Imaginavam, sim, poder haver nele qualquer coisa de extraordinário, baseados apenas numa mera hipótese: tinham-no ouvido fazer qualquer citação em latim, mas muito raramente, só quando a necessidade o exigia. 7. Finalmente, porém, por disposição do Senhor, a ciência do homem de Deus veio a tornar-se patente aos irmãos. Aquele que mandara colocar no candelabro a lâmpada da graça, destinou esse homem, tão amante da solidão, a ser o evangelizador da glória do seu nome.

8. Como servo fiel e prudente, António dedicou-se à actividade evangelizadora e procurou desempenhá-la com toda a proficiência. Quase não dando descanso ao corpo, percorria cidades, aldeias e castelos, defrontando os incrédulos, exortando os fiéis, estimulando os tíbios; com a sua palavra ao mesmo tempo extremamente fluente e apaixonada, dispensava a cada um os ensinamentos e conselhos mais apropriados. 9. Não se deixava dominar por qualquer discriminação de pessoas, nem se comovia com os aplausos do povo e com a simpatia das multidões; pelo contrário,

segundo a expressão do profeta, à *semelhança duma grade nova, munida de pontas aguçadas, esboroou* com a ressonância da sua pregação *os montes* da petulância humana, e *esmigalhou* também com oportunas ameaças *as colinas* do povo de condição humilde, *reduzindo tudo a pó*.²

10. Não quero deixar de referir o facto de ele, cooperando com a graça de Cristo, ter convertido um heresiarca de nome Bonello, quando logo no primeiro giro apostólico pregava na cidade de Rimini. 11. Do misterioso depósito da Sagrada Escritura sabia extrair e explicar em linguagem acessível verdades tão excelentes e profundas, a ponto de o próprio Vigário de Cristo, privilegiando-o com certa familiaridade e especial amizade, costumar intitular-lo como “Arca do Testamento” ou “Arca da Aliança”.

12. Seria longo, no entanto, passar em resenha cada um dos aspectos mais significativos das suas virtudes e enumerar em quantas províncias e regiões da terra ele lançou a semente da Palavra de Deus. Por isso me limitarei a resumir concisamente as últimas gestas da sua vida, sendo elas as que mais põem em evidência as características das suas virtudes. 13. Aquando dum Capítulo Geral, durante o qual teve lugar a trasladação dos restos mortais do Pai S. Francisco para Assis, o Ministro Geral da Ordem concedeu-lhe plena liberdade de pregar onde lhe aprouvesse; e ele, guiado por Cristo, foi para a cidade de Pádua.

14. Vendo que o tempo da Quaresma lhe abria uma porta para a pregação, e considerando oportuno insistir no ministério da palavra, durante os quarenta dias sem interrupção pregou ao povo a penitência para o perdão dos pecados. 15. Embora com sacrifício, devido a uma certa obesidade natural, e apesar de atormentado por uma doença crónica, mesmo assim, o seu zelo infatigável pelas almas levava-o a pregar, a ensinar e a ouvir confissões de penitentes desde o nascer ao pôr do sol, mortificando-se ainda por cima com jejuns.

² Cf. Is 41, 15.

16. Mais ainda: o inimigo do género humano, no seu ódio contra tudo quanto é bom, no princípio da referida Quaresma tentou dissuadir o servo de Deus do empreendimento planeado de salvar almas. Nesse intuito, estando ele uma noite já profundamente adormecido, chegou ao extremo de tentar sufocá-lo por estrangulamento. 17. Mas ele, invocando o nome da gloriosa Virgem Mãe de Deus em humilde súplica, benzeu-se com o sinal da cruz, e assim se libertou da violência do adversário e se sentiu imediatamente aliviado. 18. Ainda quis ver o inimigo em fuga, mas quando abriu os olhos, a cela onde repousava apareceu-lhe toda resplandecente duma luz celestial. 19. Em nosso entender, esse clarão com que o poder divino inundou a cela do Santo significava que o servo de Cristo, experimentando a efusão do esplendor celeste, viria a receber o dom da generosidade de Deus. 20. Por isso é que o príncipe das trevas, não podendo suportar o reflexo dessa graça, desapareceu, cheio de vergonha e de medo.

CAPÍTULO VI

Dois modos de se ser tentado a desistir de praticar o bem

1. OUVINTE - É claro que o zelo pela salvação dos outros é absolutamente intolerável para os espíritos diabólicos. Por isso eles recorrem a todos os expedientes malignos no intuito de dissuadirem do propósito de salvação as pessoas generosas que se empenham em conquistas espirituais, e não se poupam a esforços, por meio dos processos mais esquisitos, no sentido de impedirem que as almas dos crentes, resgatadas pelo sangue de Cristo, se libertem dos laços do pecado.

2. NARRADOR - Convém saber que os espíritos malignos se servem com frequência de duas táticas para levantarem obstáculos aos conquistadores de almas, a ver se eles não conseguem pôr em prática, com vantagem para os outros, os planos estabelecidos em sua piedosa mente. 3. Por vezes, transfigurados em anjos de luz, tentam dissuadi-los da prossecução duma obra boa já encetada, sob

pretexto de uma outra ainda melhor. Dessa forma eles se desviariam da intenção formulada, distraíndo o espírito e o coração em planos estéreis, e não conseguiriam dedicar-se com eficácia ao propósito inicial. 4. A esta classe pertenciam os magnates dos judeus quando insultaram o Senhor na cruz, desafiando o Filho de Deus, suspenso no patíbulo para salvação do mundo, e prometendo eles converter-se, a ponto de dizerem: «*Se é de facto o rei de Israel, que desça da cruz, e acreditaremos nele*»³.

5. No seu entender, julgavam que seria mais importante Cristo descer vivo da cruz, realizando a conversão do povo judeu, a quem viera redimir, do que morrer de braços estendidos na cruz, acolhendo todos os povos como a galinha acolhe os pintainhos sob as asas. 6. No entanto, embora lhe tivessem lançado esse repto, talvez não viessem a acreditar, mesmo que ele tivesse descido da cruz. Por isso Cristo Jesus, sacerdote e vítima, a fim de levar à plenitude o sacrifício vespertino para a salvação do mundo, não quis aceitar o desafio, para não privar do preço do seu sangue derramado aqueles a quem por misericórdia de Deus esse mesmo sangue era generosamente oferecido.

7. Outras vezes, os espíritos renegados instilam o veneno da sua inveja não sob o disfarce de virtude, mas abertamente, com malvada desfaçatez, recorrendo a ameaças ou atemorizações, e, se Deus o permitir, podendo mesmo por vezes chegar a atingir os justos com tormentos físicos, no intuito de os fazerem desistir do caminho da perfeição já encetado, ao menos com a atrocidade das represálias. 8. Mas a verdade é que os santos, do alto da sua fortaleza espiritual, não fazem caso dos esquadrões dos espíritos réprobos assanhados contra eles; e com tanta mais coragem aguentam os dardos dos adversários com o escudo da paciência, quanto mais valorosamente se esforçam por levar a bom termo a construção iniciada, uma vez consumada a vitória sobre os inimigos.

9. Assim aconteceu com os israelitas regressados do cativeiro quando reedificavam as muralhas de Jerusalém: de todos os lados

³ Mt 27,42.

os seus inimigos se levantaram em pé de guerra, lançando ameaças e provocando terrores, no intuito de os levarem a desistir da construção começada. No entanto, apesar de atanzados com tais provocações, eles não descansaram enquanto não deram por findo o trabalho planeado. 10. Conforme deles se escreveu, «*com uma das mãos empunhavam a espada e com a outra trabalhavam na construção*»⁴: dessa maneira venciam com a espada do espírito as terríveis ameaças de guerra, ao mesmo tempo que levavam a bom termo, com o almejado sucesso, as muralhas iniciadas para defesa da cidade.

11. OUVINTE - O teu arrazoado leva-me a concluir que os servos de Deus precisam de ter grande cuidado em discernir os espíritos, tanto para não desistirem da intenção de qualquer louvável projecto, sob pretexto duma boa obra apenas aparente, como para levarem esse projecto por diante até ao fim, não se deixando vencer pelos dardos das tentações. 12. Mas, por favor, retomemos o fio da narração.

CAPÍTULO VII

Dificuldades e frutos da pregação quaresmal

1. NARRADOR - Recordo-me de já anteriormente haver salientado como o povo de Pádua, ao ouvir falar no nome de António, acorria de toda a parte em número extraordinário para o escutar: era como um campo ressequido, ávido de chuva. 2. Não dispondo as igrejas de espaço suficiente para acolherem todo aquele pessoal, acrescido ainda com muita gente vinda de fora, começou o Santo a fazer as pregações em descampados. 3. Com efeito, também de cidades, burgos e aldeias das redondezas de Pádua acorriam multidões imensas de gente de todas as idades e condições e de ambos os sexos, todos devotamente ansiosos pela palavra de vida, e fielmente decididos a entregarem às suas mãos e a confia-

⁴ Cf. Ne 4, 11 ss

rem às suas exortações a própria salvação. 4. Para tanto tinham de se levantar ainda muito de noite, e de lanternas acesas corriam ao desafio a ver quem chegava primeiro, dirigindo-se à pressa e com fervor ao local onde se ia fazer a pregação.

5. A todos a sua palavra convidava à conversão: aos que viviam em discórdia, levava-os à paz e ao vínculo da união; aos prisioneiros, restituía-os à liberdade; as usuras e espoliações violentas, ressarcia-as com justas restituições, chegando alguns ao ponto de hipotecarem casas e campos e virem depor aos pés dele o respectivo preço; e, como já dissemos, reparavam os danos causados ou pagando os prejuízos ou pedindo perdão aos espoliados.

6. Às meretrizes públicas, tristemente célebres pela prostituição e profanação do pudor, dissuadia-as, com salutares conselhos, dessa vida torpe e escandalosa; aos usurpadores, aos incendiários, aos ladrões, aos pecadores incriminados em qualquer actividade condenável, a todos convertia eficazmente a uma vida melhor.

7. Em consequência disso, dado o grande número de pessoas a quem ele recomendava que fossem confessar-se aos sacerdotes, nem os nossos frades, nem outros numerosos padres que o acompanhavam, eram bastantes para atenderem todos os penitentes.

8. Alguns acorriam ao sacramento da Penitência porque, segundo diziam, uma visão divina os tinha instigado a abandonarem-se confiadamente aos conselhos de António. 9. E ainda depois de ele ter falecido, outros foram muito em segredo ter com determinados frades, afirmando que ele mesmo lhes havia aparecido em sonhos e indicado o próprio nome dos irmãos a quem deveriam dirigir-se.

CAPÍTULO VIII

O seu santo passamento

1. OUVINTE - Gostaria de saber, caso seja do teu conhecimento, se esse homem terá tido revelação antecipada do termo da

vida terrena, e se o Senhor se terá dignado revelar-lhe algo acerca do futuro.

2. NARRADOR - Em minha opinião, estou convencido que um santo tão ilustre não desconheceria o dia da sua morte. Julgo, sim, que terá tido o cuidado de ocultar a iminente separação do corpo simplesmente para poupar aos irmãos a desolação que provocaria o anúncio prévio da sua partida. 3. O certo é que quinze dias antes de deixar esta vida, quando do alto de um morro admirava a amena planície da cidade de Pádua, voltando-se para o seu companheiro de viagem, começou a gabar a localização maravilhosa da urbe, e aventou o prognóstico de que em breve ela se tornaria célebre com uma glória extraordinária. 4. Não nos repugna acreditar que ele consideraria como título de glória para essa terra os méritos da sua própria santidade, em virtude dos quais ela não tardou a celebrar-se. Uma coisa é certa: foram sem dúvida esses méritos que granjearam a Pádua a fama imensa e admirável de que goza.

5. No ano 1231 da Encarnação do Senhor, quarto dum ciclo da indicação romana, a 13 de Junho, uma sexta-feira, na cidade de Pádua, cujo nome se veio a tornar célebre por causa dele, na residência dos frades de Arcella, Santo António, seguindo os trâmites de todos os mortais, evadiu-se jubilosamente para a mansão espiritual dos santos.

6. Por motivo de descanso, tinha-se ele recolhido por algum tempo no referido lugar de Arcella, quando sobre ele se fez sentir a mão do Senhor: agravando-se-lhe a doença corporal, começou a apresentar um conjunto de sintomas de extrema ansiedade. 7. Durante um breve período de certa calma, depois de se confessar e receber a absolvição, pôs-se a cantar em voz alta, de espírito jubilante, aquele hino à gloriosa Virgem:

*Ó Senhora gloriosa,
mais sublime que as estrelas...*

8. Erguendo em seguida os olhos ao céu, pôs-se a olhar demoradamente para o alto. 9. Quando um irmão dentre os assistentes lhe perguntou se estava a contemplar alguma coisa, respondeu: «Estou a ver o Senhor Jesus Cristo».

10. Considerando os irmãos que não deveria tardar o seu feliz passamento, resolveram administrar ao servo de Deus o sacramento da Santa Unção. 11. Quando o sacerdote, segundo o ritual, se aproximou dele com os óleos apropriados, Santo António fitou-o e disse-lhe: «Não seria estritamente necessário, irmão, que me aplicasses o óleo, pois já me considero unguído no meu interior; mas espero que me dê alívio, e com gosto recebo a unção».

12. Depois juntou as mãos, e em coro com os irmãos entoou os salmos penitenciais até ao fim. 13. Durante cerca de meia hora continuou a respirar, até que a sua alma santíssima, liberta do cárcere da carne, foi absorvida no abismo da luz. 14. O corpo adquiriu então o aspecto duma pessoa simplesmente a dormir; a coloração da sua tez, que em vida lhe dava à carne um tom mortiço, transformou-se após a morte em brancura refulgente, como prenúncio, para quem o visse, da glória da futura ressurreição.

CAPÍTULO IX

Porque é que alguns justos morrem tão novos?

1. OUVINTE - Julgo ter sido uma graça especial e rara da bondade divina o facto de este Santo, não tendo saboreado na terra nada mais jucundo do que Jesus crucificado, ao aproximar-se a morte, como em garantia do prémio iminente e em realização do seu desejo, ter podido contemplar a presença corporal do Senhor. 2. Confesso, no entanto, uma coisa que desperta em mim sentimentos de profunda estranheza: não chego a entender como o Senhor misericordioso, que trata com tanto cuidado os sarmentos mais pujantes, permitiu que fosse assim rapidamente subtraído deste

mundo iníquo e daqui retirado para não mais voltar, um operário tão incansável da vinha por ele mesmo plantada, e por quem Deus recebeu redobrados lucros em virtude do bom rendimento dos talentos a ele confiados.

3. NARRADOR - Os mistérios divinos são para nós quase sempre insondáveis. Como se lê no livro da Sabedoria, «ninguém pode fazer ideia das intenções do Senhor»⁵. 4. Contudo, baseando-nos na autoridade da Sagrada Escritura, é lícito conjecturar que haverá diversos motivos para as pessoas mais santas serem por vezes misericordiosamente libertadas deste atoleiro de miséria.

5. Efectivamente, não é raro acontecer que as almas de alguns eleitos, pressionadas pela carne corrupta, sofram tentações aliciá-las para o mal, quando os instintos animalescos do corpo lutam contra a lei do espírito ou o mau exemplo de culpas alheias serve de incentivo e sedução para cometer acções ilícitas e pecaminosas. 6. De tal sordidez desejava o profeta ser purificado quando suplicava, personificando qualquer justo: «*Purifica-me, Senhor, das minhas faltas ocultas, e defende-me dos pecados alheios*»⁶. 7. É natural que o Deus da misericórdia atenda muitas vezes este desejo dos seus eleitos, concedendo-lhes o repouso dos trabalhos e conduzindo-os à gloriosa liberdade dos filhos de Deus. 8. A este respeito está escrito no livro da Sabedoria acerca do justo: «*Foi arrebatado para que o mal não lhe corrompesse a mente nem a falsidade lhe viesse a seduzir a alma*»⁷.

9. Com muita frequência a benignidade do Redentor põe diante dos olhos dos pecadores, como a servir-lhes de espelho, a vida de pessoas exemplares: assim, com tal estímulo de virtude, incita-os a praticarem o bem e a irem melhorando o aspecto do seu ser interior, ou ao menos limpando com lágrimas de compunção e obras de piedade as manchas provocadas pelos maus hábitos.

⁵ Sab 9,13.

⁶ Sl 18, 13s.

⁷ Sab 4, 11

10. Mas também por vezes o mesmo Senhor vê que os ímpios e empedernidos na malícia do pecado recusam o convite a emendarem a vida; e então retira do mundo os tais modelos de virtude, incorporando-os com toda a justiça nas multidões celestiais.

11. Por isso Paulo, entre outros encómios aos nossos pais na fé, acrescenta: «*Privados de tudo, angustiados, maltratados, pessoas de quem o mundo não era digno...*»⁸. 12. Se o mundo rejeita o exemplo de vida dos santos, que devia servir de norma para atitudes e procedimentos, mostra-se indigno de participar na nobre companhia de tais modelos.

13. Outras vezes ainda, atingido o limite da vida temporal, impossível de ser ultrapassado, e vencidos os inimigos, os servos de Deus, carregados de molhos de virtudes, são admitidos ao gozo do seu Senhor, a fim de com ele exultarem eternamente de alegria pelo esplendor dos seus méritos, por o terem servido com fidelidade e perseverança durante o tempo da peregrinação terrena, como súbditos leais. 14. Daí o dizer-se ao anjo da Igreja de Sardes a respeito de alguns cristãos mais perfeitos: «*Há em Sardes algumas pessoas que não conspurcaram as suas roupas; essas acompanhar-me-ão vestidas de branco, porque são dignas de tal distinção*»⁹. 15. Com efeito, aqueles que durante o exílio desta existência mortal andaram adornados de pureza de vida, com toda a justiça serão revestidos da estola branca da imortalidade na felicidade eterna, como prémio dessa sua integridade.

CAPÍTULO X

Curas miraculosas de deficientes físicos

1. OUVINTE -- Gostaria que agora me falasses de milagres e portentos conhecidos deste Santo, de forma a eu alimentar assim com proveito a minha devoção para com ele.

⁸ Heb 11, 37.38.

⁹ Ap 3,4.

2. NARRADOR – Sim. Mas, para ser breve, terei que deixar de referir muitos prodígios da santidade deste homem de Deus, os quais a fama se encarregou de espalhar ao longe e ao largo. 3. Acho preferível levar ao conhecimento de todos, em jeito de mera informação, alguns casos menos vulgares, ocorridos sobretudo em Pádua após a sua morte, pondo de parte muitos outros. 4. A investigação dos milagres por parte da Sé Apostólica, encomendada ao venerando Bispo da referida cidade de Pádua e ainda aos priores dos Frades Pregadores e dos monges de S. Bento, foi levada a cabo com todo o profissionalismo e rigor jurídico. Começavam por ser recebidos os testemunhos sobre a veracidade dos milagres, e confirmados com juramento; em seguida analisavam-se atentamente as condições das testemunhas e o desenrolar dos factos, os pormenores do que tinham visto e ouvido, bem como do lugar e tempo das ocorrências, e ainda outras circunstâncias a esclarecer, se as houvesse. Tudo foi assim cuidadosamente ponderado e exarado em notariado público, e com o máximo cuidado transmitido à Sé Apostólica, como prova da veracidade dos mesmos milagres.

5. (I) - No mesmo dia em que o corpo de Santo António foi sepultado na igreja da Santa Mãe de Deus, em condigna expressão de louvor ao Senhor e com a devida solenidade, certa senhora, chamada Cuniza, monstruosamente deformada, chegou ao sítio do sepulcro do Santo apoiada nuns arrimos de pau designados por muletas. 6. Devido à acumulação de humores, tinha-se-lhe formado na cintura escapular uma enorme protuberância, obrigando-a a andar tão derreada que metia pena; e não conseguia deslocar-se senão estribada nas muletas. 7. Depois de ter estado prostrada em oração durante algum tempo junto à tumba do Santo, a todos os presentes foi dado observar como as costas lhe iam ficando direitas e desaparecia a corcunda. Logo a mulher pôs de parte as muletas, e em posição erecta regressou a casa.

8. (II) - Vivia em Pádua uma tal Ricarda, conhecida de quase toda a gente da cidade. Com as pernas mirradas durante vinte anos, ficara tão horrivelmente deformada, que, com uma espécie de ade-

rência calosa, os joelhos se lhe fincavam no peito e os pés nas nádegas. 9. Certo dia, apoiada nuns estradozinhos que constituíam o seu meio de locomoção, arrastou-se até perto do monumento do Santo, a fim de pedir esmola, em companhia de outros mendigos. Ao chegar lá, foi acometida por uma profunda sonolência; inclinou a cabeça para baixo e dormitou um pouco. 10. Enquanto assim repousava, ouviu uma voz a gritar: «Graças a Deus, ela está curada!». 11. Ainda meio estremunhada, a mulher viu uma menina que também lá tinha ido por causa de ser marreca e acabava de ser curada por mediação do Santo; era ela que nesse momento se ia embora na companhia de muita gente. 12. Soergueu-se então a nossa pobrezinha, decidida também ela a arrastar-se para mais perto do sepulcro milagroso, a implorar a cura. 13. Já se encontrava junto à porta da igreja quando lhe apareceu um rapazito dos seus sete anos, o qual, pondo-se à frente dela de mãos juntas, a convidou a entrar, dizendo-lhe: «Anda! Vem em nome do Senhor, que ele te curará». 14. Arrastando-se com dificuldade no encaço do garoto, que avançava à frente dela, chegou ao limiar do templo; mas precisamente quando parou à porta de entrada, o miúdo desapareceu. Mesmo assim, ela continuou até ao recinto do túmulo. 15. Enquanto aí orava, começaram a desenvolver-se-lhe no corpo, entre as ilhargas e as coxas, dois como quistos arredondados em forma de ovos, ao mesmo tempo que se verificava um escorrimento de líquido subcutâneo. Entretanto os tais inchaços foram-se deslocando até às plantas dos pés, ao mesmo tempo que se produzia um som, ouvido por muitos, semelhante ao de bater palmas. 16. E então, à vista de todos, aquelas pernas mirradas há vinte anos começaram a readquirir a posição e a forma correcta, a pele foi-se distendendo sobre a carne renovada, e tudo voltou à forma primitiva. 17. Deitando fora os estradozinhos em que se arrastava, regressou a casa, agora andando a passo firme, perante o assombro de todos os conterrâneos que a conheciam.

18. (III) - Uma moça, conhecida pelo nome de Maria, enquanto guardava as éguas do pai nas margens do rio Brenta, sentou-se à sombra duma nogueira. Entretanto emergiu da corrente um indivíduo de cor que veio direito a ela, a agarrou nos braços e a

levou imediatamente para debaixo duma outra nogueira próxima. 19. Aí deitou-a no chão, intentando violentá-la; e por fim deixou-a num estado lastimável, toda desconjuntada: com um enorme inchaço no peito, luxação num joelho e ainda o osso duma coxa desarticulado da anca, a ponto de só ter podido regressar a casa transportada pelo pai. 20. Durante mais de cinco anos viveu assim diminuída, até que a levaram ao túmulo de Santo António e por sua meritória intercessão recobrou a saúde. 21. No momento da cura teve a sensação de alguém lhe passar suavemente a mão entre a carne e os ossos; e os membros, anteriormente sujeitos a dores lancinantes, davam-lhe a impressão de serem suavemente friccionados por um massagista.

22. (IV) - Outra senhora, Gilda de sua graça, fisicamente diminuída havia oito anos, com a perna esquerda mirrada devido à cisão dos nervos, estava totalmente incapacitada de andar por não poder apoiar o pé no chão. 23. O marido, Marcoaldo, trouxe-a a cavalo e deixou-a a rezar diante da urna sepulcral do Santo. Mas mal ela se ajoelhou em atitude de oração, começou a sentir-se agoniada e invadida por uma onda de calor impossível de aguentar. Tal situação levou alguns cavalheiros a trazerem-na para fora, com intenção de lhe proporcionarem um certo alívio respirando ar mais fresco. 24. Algum tempo depois foi novamente transferida para junto do túmulo do Santo; e enquanto suplicava misericórdia, teve a sensação de a mão de alguém lhe tocar no ventre, como a tentar soerguer-lhe o corpo. 25. Curiosa por descobrir quem é que lhe tocava com a mão, abriu os olhos que até ali mantivera fechados, mas não viu ninguém ao pé dela. 26. Concluindo então que a impressão sentida fora um estímulo divino, levantou-se imediatamente, e sem mais precisar de muletas, foi-se embora, cheia de alegria e saúde, em companhia do marido.

27. (V) - Certa menina, chamada Inês, sofria duma enfermidade designada por “anátropa”, que durante três anos lhe provocou uma debilitação geral de forças: o tracto digestivo, por falta de secreções, deixara de funcionar, e mal ingerisse qualquer alimento, logo o vomitava tal qual o havia tomado. O mal agravava-se a pon-

to de se lhe obstruir o esófago e nem sequer poder engolir saliva ou alimentos liquefeitos. 28. Mas um belo dia levaram-na ao sarcófago do Santo, e colocaram-na em cima dele. O primeiro resultado foi a menina ser acometida por uma dor tão atroz, que dava a impressão que ia morrer. 29. No entanto, depois de lhe ter invadido todo o corpo, a dor foi abrandando pouco a pouco. Nessa altura começou a chamar pela mãe, que se encontrava ao pé dela, dizendo-lhe que estava a sentir muita fome: seria capaz de engolir um pão inteiro! 30. Cheia de alegria, a mãe pegou logo na filhinha e trouxe-a para fora. Imediatamente lhe deram alimento, que já não foi rejeitado. O seu corpinho ressequido foi recuperando até voltar ao normal, e a pequenita regressou a sua casa.

31. (VI) - Em Codigoro, certa rapariguinha chamada Samaritana tinha ido com outras moças colher legumes a um campo do pai. Inesperadamente sentiu os joelhos paralisados a ponto de não ser capaz de dar mais um passo. Valeram-lhe as companheiras, trazendo-a de regresso à casa paterna. 32. A doença foi recrudescendo, obrigando-a durante três anos a deslocar-se gatinhando ou arrastando as nádegas pelo chão, num espectáculo de meter pena. 33. Mas um dia veio em companhia da mãe ao sepulcro do Santo. Depois de se haver confessado, aproximou-se do sarcófago, em atitude suplicante. E após um breve momento ali passado, sentiu-se restituída ao seu anterior estado de boa saúde, e pôde regressar a casa a andar por seus próprios pés. 34. Quando tal prodígio chegou aos ouvidos do povo de Codigoro, repicaram os sinos e os conterrâneos acorreram em massa a recebê-la. Na sua fé esclarecida, todos viram nisso a poderosa mão de Deus, e, em uníssono, o louvaram com a devida veneração.

35. (VII) - Um tal Frederico, do condado de Concórdia, certa ocasião, por falta de cuidado, deu uma queda na igreja de Pulcigno. Como resultado, sofreu uma fractura na região lombar, e daí em diante só apoiado em muletas conseguia caminhar ou deslocar-se dum lado para outro. 36. Mas depois de ter vindo ao mausoléu do nosso Santo e ter feito uma promessa, recuperou a saúde de antes do acidente. Pôs de parte as muletas, e perante o espanto de

todos quantos o tinham visto anteriormente, começou a caminhar direito, de regresso a casa.

37. (VIII) - Na cidade de Veneza, uma senhora de nome Cesária, havia mais de dois anos que tinha uma das mãos tolhida e o pé esquerdo torcido, em posição atravessada. Tendo ouvido falar das curas maravilhosas realizadas por intermédio do Santo, deu-se pressa em ir a Pádua. 38. Mas como a enorme multidão de doentes lhe não permitia chegar mesmo junto do sarcófago, esforçava-se por ao menos pôr em contacto com o túmulo a perna doente. 39. Ao estender o pé aleijado nessa direcção, na ânsia de ser curada, foi de repente acometida duma dor tão violenta, que começou a suar, ao mesmo tempo que sentia tal convulsão nas entranhas, que dava a impressão de lhe irem rebentar. 40. Alguns dos presentes, ao notarem a angústia da pobre mulher, que devido à fraqueza já nem conseguia falar, levaram-na dali para fora e encostaram-na à porta da igreja, a ver se ela sossegava. 41. Depois de aí permanecer durante algum tempo, deixou de suar e levantou-se: tinha recobrado a saúde da mão e do pé. Por isso, dando a Deus as devidas graças, foi-se embora, radiante de alegria.

42. (IX) - Prosdoxima era viúva dum tal Rainério, da povoação de Noventa. Parálitica de uma das mãos e de ambos os pés, foi trazida ao túmulo do Santo numa espécie de cesto. 43. Quando a levantaram e puseram em cima da arca funerária, todos os circunstantes puderam observar como os pés da entrevada iam perdendo a flacidez e readquirindo perfeitamente as funções normais. A mão afectada, por sua vez, tremendo um pouco, começou também a abrir-se e a estender-se. A convite dos guardas do túmulo, ela abriu-a e fechou-a repetidas vezes.

44. (X) - Margarida, da cidade de Pádua, estava uma noite a dormir muito tranquila, quando teve a sensação de dar um grande tombo. 45. Ao acordar, efectivamente, notou que tinha um torcicolo, e do lado esquerdo tanto a mão como o pé tinham encurtado, a ponto de o calcanhar esquerdo não chegar ao chão; só podia tocar no solo com as pontas dos dedos. 46. Mas quando certo dia a colo-

caram sobre a urna do Santo, logo se lhe endireitou o pescoço, a cabeça readquiriu a posição natural, e reabilitada também da deformação da mão e do pé, por mediação do Santo, já conseguiu descer sem ajuda de ninguém.

CAPÍTULO XI

Em rigor, o que é um milagre? Como explicar as dores lancinantes que antecedem certos milagres?

1. OUVINTE - O teor da tua narração suscitou em mim dois motivos de assombro: um é o facto de esses prodígios extraordinários se realizarem duma forma tão rápida e tão radical; outro é a circunstância de alguns dos miraculados sofrerem previamente pontadas tão agudas, como acabas de referir. Porquê?

2. NARRADOR - Se ponderamos os acontecimentos baseando-nos apenas no que vemos com os olhos, os factos descritos são efectivamente assombrosos, imperscrutáveis e maravilhosos. 3. No entanto, se indagarmos com mais acuidade intelectual as leis da natureza que regem todos os acontecimentos físicos, descobrimos que essas leis estão na dependência do seu Criador, o qual pode fazer quanto lhe aprouver. E nada será difícil ao poder criador, se quiser realizar algo: à natureza não restará outro remédio senão obedecer, quando isso for do agrado d'Aquele que a criou.

4. Quer dizer: Em virtude da absoluta majestade da sua potência, Deus tem sempre e em toda a parte a possibilidade de realizar tudo quanto queira. Embora pareça de difícil realização um acontecimento ocorrido contra o curso natural das coisas, não exige, contudo, grande esforço a dispensação da graça que Deus infunde — desde que não depare com resistência por parte da pessoa a quem ele misericordiosamente concede os dons da sua bondade. 5. Convém, no entanto, observar com perspicácia que nem tudo quanto possa parecer um milagre a quem o vê, deva ser

considerado, por quem bem o analise, como resultado de algo miraculoso. 6. Para definir um milagre, é muito diferente a circunstância de um facto se dar segundo o curso normal das coisas, ou de dar contra as leis da natureza, ou acima delas, ou fora delas.

7. Por conseguinte, como vamos dizendo, quando se verifica um fenómeno a realizar-se em conformidade com as leis vulgares da natureza ou segundo a disposição ordinária de uma coisa, não lhe assenta bem o nome de milagre, nem sequer o de acontecimento maravilhoso ou surpreendente. 8. Os fenómenos que por desígnio de Deus acontecem ao arrepio das leis da natureza, esses, sim, devem ser apelidados de milagres: por exemplo um morto regressar à vida, um cego recuperar a visão, e coisas semelhantes. Com efeito, apenas por um poder superior esses seres recuperam uma determinada condição ou estado, de cuja privação eles por si mesmos nunca poderiam em absoluto recuperar. 9. Qualificam-se de maravilhosos certos fenómenos sobrenaturais, quando a natureza é como que elevada acima das suas possibilidades normais, em obediência ao Criador, a fim de alargar os limites da sua capacidade a qualquer coisa de que naturalmente estava muito longe. Nesta classe de acontecimentos se inclui o evento da Encarnação: deve classificar-se como um acontecimento maravilhoso e sobrenatural, mas não como um milagre — pois se realizou não contra as leis da natureza, mas sim com a elevação da natureza acima de si mesma.

10. Finalmente, designamos por espantosos ou surpreendentes certos fenómenos preternaturais, isto é, que ocorrem fora dos limites perceptíveis das leis naturais, ou seja: embora os sentidos corporais não consigam detectá-lo, eles têm, no entanto, uma certa conformidade e enquadramento na natureza. 11. Segundo a opinião de um santo, o facto de os magos do faraó transformarem varas em serpentes não constituiu nenhum milagre nem coisa maravilhosa; foi apenas um fenómeno surpreendente e inexplicável aos olhos de quem o presenciou. Como bons ilusionistas, e com a cumplicidade dos demónios, os tais magos terão descoberto certos gérmes de vida ocultos nos elementos naturais, e a partir deles, com a permissão do Senhor, conseguiram produzir espécies vivas. 12. Para além

da Encarnação e das actuações de ilusionistas e intervenções diabólicas, ainda dentro do âmbito das leis naturais se pode verificar muitas vezes o fenómeno de um gérmen vegetal se desenvolver num ser sensível, desde que haja compatibilidade com os princípios da vida, em conformidade com oportunas condições de tempo, e dentro de certas circunstâncias e limites.

13. Quanto à última parte da tua perplexidade ao perguntares porque é que algumas pessoas, antes de serem favorecidas com um milagre, sofreram no corpo uma recrudescência de dores, penso que isso poderá ser motivado ou por uma certa falta de fé, ou por não ter sido ainda devidamente expiada uma culpa antecedente. Dessa forma, por meio de tais sofrimentos físicos, serão purificados com uma expiação mais dolorosa aqueles que devido a uma fé diminuta, como já assinalai, ou à culpa de um crime cometido e ainda não reparado, ou devido às duas circunstâncias juntas, ainda não se encontrariam suficientemente preparados para receberem o benefício. 14. Mas para que estas nossas interpretações se tornem ainda mais claras, vamos analisar os casos de dois enfermos do Evangelho, curados pelo poder do nosso Redentor.

15. A respeito do cego que segundo S. Marcos¹⁰ recobrou a vista por meio da saliva de Jesus, o evangelista acrescenta: *«Perguntou-lhe Jesus se ele já via alguma coisa, e ele respondeu: “Vejo pessoas como árvores a deslocarem-se”»*. E continua o evangelista: *«De novo ele lhe impôs a mão e então ficou completamente curado, a ver tudo perfeitamente»*. 16. Como explicar que o cego, depois de Jesus lhe haver aplicado a saliva e lhe ter feito uma primeira imposição da mão, não ficou logo a ver bem? É lícito concluir que essa recuperação apenas parcial da vista terá resultado dum fé imperfeita. 17. Com efeito, ninguém se atreveria a afirmar que quando Jesus lhe impôs a mão pela primeira vez tenha sido menos poderoso do que da segunda vez... Com este modo de curar o cego, quis o divino Mestre revelar que conforme no enfermo ia

¹⁰ Mc 8, 23-25.

crescendo a fé, ia-se o homem tornando mais idóneo para o mistério duma perfeita libertação.

18. Dum surdo-mudo curado pela palavra do Redentor, refere o mesmo Marcos: «Disse Jesus ao pai dele: “Se fores capaz de acreditar...a quem acredita, tudo se torna possível”. E ele replicou: “Eu acredito, Senhor, mas ajuda a minha incredulidade!”»¹¹.

19. Era como se dissesse mais explicitamente: «Das tuas palavras eu deduzo, Senhor, que para alcançar para o meu filho a graça da cura, é imprescindível a fé. Mas eu reconheço que ao suplicar a tua intervenção, a minha fé não terá sido tão grande como deveria. Por isso te peço que na abundância da tua bondade, imensamente superior aos meus desejos e aos meus méritos, aumentes a minha exígua fé, a fim de que com ela eu consiga obter plenamente o que suplico».

20. E acrescenta o evangelista: «No meio de gritos e convulsões violentas, o espírito saiu dele, mas deixou-o como morto»¹².

21. Toda a gente sabe que é preciso usar mais força para expulsar um homem vigoroso da sua própria casa, onde ele habita sossegado, do que para uma pessoa se defender dum transeunte no intuito de ele lhe não fazer mal. 22. Se Jesus com o seu poder foi capaz de expulsar do corpo do doente o demónio surdo-mudo, com certeza teria também capacidade para impedir o demónio fugitivo de maltratar o doente. 23. Por conseguinte, o facto de recrudescer o sofrimento do enfermo enquanto o seu corpo era curado, só mostra que a libertação, condicionada à solidez da fé, foi em parte retardada por motivo de qualquer pecado precedente ainda não expiado.

¹¹ Mc 9, 22.23.

¹² Mc 9, 26

CAPÍTULO XII

Outros milagres

1. OUVINTE -- Depois deste parêntese, se achares bem voltar à narrativa, agradecia-te que continuasses a referir algo mais sobre milagres do nosso Santo.

2. NARRADOR - (XI) - Tridentino era ainda rapazinho, mas devido à excrescência duma vértebra na espinha dorsal, desde havia cinco anos andava derreado, com as mãos descaídas até aos joelhos. Valendo-se de um bordão, chegou ao túmulo do Santo.

3. A mãe, cheia de fé, foi colocá-lo durante uns instantes sobre a arca funerária: imediatamente desapareceu a corcunda e ele desceu, completamente direito. Desfez-se do bordão, e, cheio de alegria e louvando a Deus, regressou para casa com a mãe.

4. (XII) - Um cavalheiro, por nome Veridoto, vítima dum desastre gravíssimo, fracturou a cintura e ficou corcovado. Só conseguia deslocar-se apoiando-se com as mãos nuns estradozinhos, e com a cabeça descaída, quase a tocar no chão. 5. Conduzido pela mãe, veio à tumba do Santo, mas foi de repente acometido de dores tão violentas, que dava a impressão de se lhe desfazer o corpo todo, e ficou banhado em suor. 6. Pouco a pouco, no entanto, o suor foi diminuindo, e à vista de muita gente o homem endireitou as costas: pela mediação do Santo ficou de repente sem a corcunda.

7. (XIII) - Na cidade de Treviso, certa senhora, Veneziana de nome, andou durante dois anos e tal com um inchaço no peito, do tamanho e feitio de um pão; quando precisava de se mover, inclinava a cabeça em direcção aos joelhos. 8. Resolveu entretanto vir ao sepulcro do Santo, onde permaneceu três dias a rezar-lhe. Assim conseguiu a tão ansiada cura: desapareceu o inchaço, e lá foi, de cabeça erguida, dando graças a Deus e a Santo António.

9. (XIV) - Solanga de Montagana, paralítica havia um ano e um mês, fez ao Santo a promessa de se deixar transportar ao monumento sepulcral do mesmo para dele obter a cura. 10. Certa noite, enquanto dormia deitada na sua enxerga, ouviu um barulho como de alguém a bater no pé da cama: acordou e ficou alerta, cheia de medo.

11. Não tardou muito a ouvir-se nova pancada na madeira da cama. Fazendo o sinal da cruz, ela gritou: «Quem é que está a bater na cama?» Ouviu então uma voz a dizer-lhe: «Coragem! Persigna-te!» 12. «Quem és tu, senhor?» — perguntou ela. E a voz respondeu: «Eu sou António». Então a mulher exclamou: «Santo António, livra-me do meu mal!». «Já estás curada, como podes verificar» — foi a resposta. 13. De madrugada, a senhora levantou-se, restabelecida. Pela intervenção do Santo deixou por completo de sentir qualquer incómodo, e daí em diante gozou sempre de perfeita saúde.

14. (XV) - Um tal Bartolomeu de Piove de Sacco, mudo desde a infância, por espaço de catorze anos foi ainda acometido pela desgraça duma paralisia geral. Depois de haver feito uma promessa, foi transportado para junto do sarcófago do Santo, a fim de lhe suplicar a cura. 15. Quando lá chegou, continuando a orar cheio de fé e devoção, notou que se lhe soltava a prisão da língua, e começou a louvar a Deus em alta voz. Sem precisar mais de ser levado às costas como viera, saiu de lá por seus próprios pés.

16. (XVI) - No condado de Ferrara vivia uma mulher, Maria, cujo corpo dava a impressão de estar a desconjuntar-se, e com a cabeça numa tremura constante. 17. Vindo ela ao lugar onde o Santo estava sepultado, aí permaneceu prostrada em devota oração. Não tardou a sentir os nervos a revigorarem-se, enquanto a cabeça deixava de apresentar o habitual tremor. 18. Levantando-se, fez questão de se conservar durante algum tempo de pé e imóvel diante de muitas pessoas presentes. Depois, completamente reabilitada, voltou para casa louvando ao Senhor.

19. (XVII) - Um indivíduo de Porciglia, por nome Escónito, com os pés gangrenados, inchados e cheios de nódulos resultantes de gota, veio às costas de um homem até ao monumento funerário de Santo António. 20. Depois de se haver confessado a um frade no sacramento da Penitência e por ele ter sido absolvido, levaram-no para junto da tumba miraculosa. 21. Aí implorou devotamente a intercessão do Santo; e sentindo-se no mesmo instante completamente curado, foi logo ter com o irmão que o atendera em confissão. A cura fora tão repentina, que o religioso, espantado com a excepcional rapidez do milagre, mal queria acreditar, e convidou-o a dar umas voltas pelo claustro, dum lado para o outro.

22. (XVIII) - Ermerina de Vicenza, parálitica dos pés havia cinco anos, quando precisava de se deslocar tinha de arrastar o corpo, num movimento oscilante, para a frente e para trás. 23. Ao aproximar-se do túmulo do Santo, prostrou-se em oração, e sem demora lhe foi restituída a saúde há tanto tempo desejada.

24. (XIX) - Uma outra mulher, Bília, ficara também parálitica, essa de todo o corpo, havia três anos. Com extrema dificuldade e a passos muito periclitantes conseguiu igualmente abeirar-se da tumba miraculosa. 25. Depois de bastante tempo passado em oração diante da urna, sentiu-se invadida por uma onda de calor e começou a tremer convulsivamente. 26. Ao presenciarem tal espectáculo, algumas pessoas presentes, tanto homens como mulheres, começaram a chorar. 27. Trouxeram-na então para fora da porta da igreja, a fim de ela poder respirar melhor. Passaram-lhe assim as tremuras e a febre. Reabilitada e curada, regressou a casa, toda satisfeita.

CAPÍTULO XIII

Vantagens em recorrer à intercessão dos santos

1. OUVINTE - Se bem entendi, o facto de os fiéis suplicarem a intercessão dos servos de Deus deve considerar-se uma atitude

não apenas louvável, mas até proveitosa, uma vez que por meio deles alcançam as mais das vezes outros benefícios e graças.

2. NARRADOR - Entendeste muito bem. É muito útil elevarmos os olhos do espírito para os montes eternos donde nos vem o auxílio. Com a sua intercessão, os santos ocupam-se dos assuntos que nos interessam, mas não se limitam a conceder-nos o que lhes suplicamos: com muita frequência, num excesso de generosidade, alcançam para os seus devotos graças mais proveitosas do que as pedidas. 3. O mais comum é pedirmos aos santos benefícios de ordem temporal, por exemplo, filhos ou herdeiros, ou certas condições meteorológicas mais propícias a boas e abundantes colheitas, mas sobretudo, e com mais frequência, a saúde corporal. Quer obtenhamos a graça impetrada, quer não — nesse caso quase sempre por ser nocivo aquilo que esperávamos conseguir por meio deles — de qualquer forma, com a sua intercessão eles nunca deixam de nos alcançar a graça de praticar o bem, e muitas vezes, por misericórdia do Senhor, obtêm-nos o perdão dos pecados.

4. Pedro e João deram um exemplo típico de graças concedidas para além do pedido formulado. Ao coxo que mendigava junto à porta Formosa do templo¹³, quando ele apenas ambicionava uma esmola pecuniária a receber na mão, concederam-lhe o benefício da saúde corporal — esmola bem superior à que ele esperava — e ainda a graça da saúde espiritual, que ele nem sonharia pedir.

5. Esse coxo simboliza bem qualquer pecador: por falta de fé e de boas obras, um pecador, como aleijado dos pés, não consegue andar correctamente. Neste sentido se há-de entender a censura de Elias a certos pecadores: «*Até quando andareis a claudicar dum lado para o outro?*»¹⁴ 6. Enquanto tentavam agradar ao mesmo tempo ao Senhor e a Baal, a nenhum dos dois prestavam o culto devido: andavam como a mancar de ambos os pés.

¹³ Cf. Act 3, 1-2.

¹⁴ Cf. 3 Rs, 18, 21.

7. Segundo alguns intérpretes, o coxo dos Actos dos Apóstolos deveria antes ser considerado como um paralítico. É que o pecador, considerando-se incapaz de alcançar as realidades do alto, vai-se revolvendo na lama dos vícios, sem medo dos prazeres nocivos. 8. Mas o nosso coxo, ao considerar os danos derivados do seu infortúnio, logo com lágrimas de compunção humildemente pede uma esmola aos dois varões que considera perfeitos e santos. 9. A tal respeito o texto esclarece: «*Ele, porém, fixou os olhos nos apóstolos, na esperança de receber deles qualquer coisa*» — algum bem temporal, naturalmente. 10. Pedro, no entanto, explicou: «*Prata ou ouro é coisa que eu não tenho; mas aquilo que tenho, vou dar-to*». 11. Era como uma repreensão velada, que com mais clareza soaria assim: «Com a tua lamúria pedes para te ser concedido um benefício temporal; ora isso, no critério dos santos, comparado com os bens espirituais, não vale nada. Por isso vou dar-te algo muito mais valioso que o que pediste, e que eu considero muito superior a todas as riquezas perecedoiras».

12. Prossegue o texto: «*Em nome de Jesus Cristo de Nazaré, levanta-te e anda!*» Importa fazer aqui uma observação: Antes de anunciar a graça a ser concedida, Pedro anuncia o nome do Salvador, pois Jesus Cristo é a origem e o fim de toda a graça e salvação. 13. «*Levanta-te e anda*», diz-lhe o Apóstolo. Em termos mais explícitos, poderia ter dito: «Por meio dum desejo espiritual, ergue-te da superficialidade dos bens temporais e terrenos para a sublimidade das coisas eternas; e começa a andar para a frente, com a prática constante de boas obras». 14. Muito a propósito acrescenta o autor: «*Pegando-lhe na mão direita, levantou-o, e imediatamente se lhe consolidaram os tornozelos e os pés*». 15. É que os santos intercessores não ignoram como ordinariamente são indolentes em avançar no caminho da perfeição aqueles a quem eles com suas preces levaram a iniciar uma vida mais espiritual. Por isso com repetidas intercessões vão em certo sentido estendendo a sua mão protectora, ajudando-os dessa forma a erguerem-se à sublimidade das virtudes, sem no entanto deixarem de lhes revigorar os pés dos bons desejos e os artelhos das boas obras, graças ao dom solidificante da perseverança.

16. OUVINTE - Acredita que fiquei encantado com quanto acabas de me expor acerca da intercessão dos santos. Explicaste com toda a clareza e grande oportunidade a sua solicitude em nos concederem benefícios. 17. E, agora, caso não te enfade, peço, se puderes, acrescentes rapidamente aos referidos até aqui outros benefícios do nosso santo.

CAPÍTULO XIV

Curas de cegos, surdos, mudos e outros doentes

1. NARRADOR (XX) - Certo frade da nossa Ordem, de nome Teodorico, andou durante dois anos cego da vista esquerda, até que dos confins da Apúlia veio, suplicante, até ao local onde Santo António fora sepultado. 2. Durante algum tempo passou a viver na fraternidade franciscana de Pádua, e com frequência se dirigia ao túmulo do Santo a implorar com muito fervor a graça da cura. 3. Recuperada, enfim, a tão almejada visão, com expressões de júbilo e de louvor regressou à sua terra, donde tinha vindo.

4. (XXI) - Uma senhora alemã chamada Carolina, cega de ambos os olhos havia sete anos, aproximou-se devotamente da tumba do Santo. Concentrada em oração junto à urna funerária, não tardou, por graça do céu, a recuperar a visão perdida. Pôde assim voltar para casa, cheia de alegria e de gratidão.

5. (XXII) - Auriema ainda era menina, e já estava privada da vista havia um ano e meio. Na esperança de ela vir a recobrar a visão, trouxeram-na ao mausoléu do Santo. 6. No preciso momento em que ela encostou aos olhos o véu que cobria a arca miraculosa, e sem dúvida por mediação de quem nela jazia, imediatamente se lhe abriram as pálpebras e os seus olhos puderam ver a luz tão suspirada.

7. (XXIII) - Leonardo de Conegliano cegara totalmente de um dos olhos, e tinha o outro já tão afectado, que só pela voz conseguia distinguir as pessoas conhecidas das desconhecidas. Mas cheio de confiança em recobrar uma visão perfeita, aproximou-se do túmulo do venerável Santo. 8. Bastou permanecer uns momentos em oração diante do monumento funerário para ficar a ver bem de ambos os olhos. Foi mais um a sair dali curado.

9. (XXIV) - Chamava-se Flor de Gema, era de Loreto, e encontrava-se há sete anos completamente privada da visão do olho esquerdo. Só quando chegou junto do jazigo de Santo António foi agraciada com a visão tão apetecida. Dando graças a Deus, regressou a casa, inundada de alegria.

10. (XXV) - Aleixa era uma senhora que por espaço de cinco anos viveu em cegueira completa de ambos os olhos, mas recobrou a vista junto ao mausoléu do homem de Deus e pelo seu favor.

11. (XXVI) - Passo agora a referir curas de surdos. E o primeiro é um tal Rolando, com o apelido de Búlgaro. À medida que se lhe ia agudizando uma grave enfermidade na cabeça, desde havia vinte anos ficara completamente mouco. Encontrando-se ele de pé diante da tumba do Santo, readquiriu a audição de outros tempos e voltou radiante para casa.

12. (XXVII) - Leonardo de Veneza tinha ensurdecido por completo devido a coagulação de humores, havia já quatro anos. 13. Mas um belo dia, tocado de humilde devoção, resolveu abeirar-se do sepulcro do homem de Deus, e no mesmo instante recuperou a audição, como tanto desejava.

14. (XXVIII) - Um outro milagre de cura de surdez ocorreu com Menico, havia dois anos privado de audição. Também ele veio suplicar a graça da saúde ao lugar onde jazia Santo António.

15. Suplicando aí com muita perseverança a misericórdia do Senhor, pôde outra vez gozar integralmente da audição, e ausentou-se, redundante de alegria e entoando louvores a Deus.

16. (XXIX) - A respeito de mudos, há o caso duma tal Miguelota, que havia onze anos ficara absolutamente incapacitada de falar, e além disso ia definhando por falta de forças físicas. 17. Ao ter conhecimento das curas extraordinárias obtidas por intercessão do Santo e divulgadas por muita gente, pediu para a guiarem até ao célebre sepulcro, na esperança de também ela vir a ser curada. Quando lá se encontrava prostrada em oração a implorar humildemente a misericórdia do Senhor, sentiu-se liberta dos seus achaques pela intercessão do taumaturgo, e pôde retirar-se totalmente restabelecida.

18. (XXX) - Um indivíduo de Friuli, incapacitado de usar a língua para articular palavras, apenas conseguia emitir uns sons guturais quase como gemidos. A mãe conduziu-o ao monumento fúnebre de Santo António. 19. Diante da urna milagrosa o deficiente encheu-se de confiante devoção, e foi quanto bastou para recuperar o dom da fala, havia muito tempo perdida.

20. (XXXI) - Vivia em Pádua um cavalheiro chamado Pedro, pai de uma menina a quem dera o nome da cidade: Paduana. Apesar de contar já uns quatro anos, não havia meio de a criança aprender a usar os pés para andar: gatinhava com as mãos, arrastando-se pelo chão como um réptil. 21. Segundo outras testemunhas, tratar-se-ia dum caso especial de epilepsia, e por causa disso ela caía por terra e começava a estrebuchar. 22. Nessa altura ainda era vivo Santo António. Caminhava ele certo dia pela cidade, quando com ele se cruzou o nosso Pedro, com a menina ao colo: o desditoso pai pediu-lhe logo o grande favor de lhe abençoar a filha. Ao ver a fé daquele homem, o Santo não teve relutância em lhe dar a bênção, e mandou-os ir com Deus. 23. De regresso a casa, o pai da menina ajudou-a a deslocar-se, apoiada num carrinho de bebé, dum lado para o outro, no interior dum aposento. Dentro de pouco tempo a criança foi melhorando, e não tardou a dispensar qualquer arrimo. Por outro lado, a partir do momento em que o Santo a abençoara, nunca mais sentiu qualquer distúrbio provocado por epilepsia.

24. (XXXII) - Um rapazinho de nome Simeão foi durante três anos acometido por uma afecção que o fazia cair por terra, ferindo muitas vezes o rosto nessas quedas. A seguir a uma agitação aflitiva, depois da crise ficava tal qual como um morto. 25. A mãe, preocupada com a saúde do filho, conduziu-o até ao sarcófago do Santo, onde fizeram oração, e no fim regressaram a casa. Daí em diante nunca mais o rapaz sentiu qualquer sintoma da afecção que anteriormente o molestava.

26. (XXXIII) - Uma tal Miguelota, moradora na cidade de Pádua, era epiléptica; a gravidade da doença fizera-lhe perder a vista e muitas vezes quase lhe fazia também perder a vida. 27. A mãe, confiante em obter a graça da cura, trouxe-a até ao jazigo do Santo. Quando por uns momentos a ergueram e puseram em cima da arca, logo ela abriu os olhos e recobrou o sentido da vista. Também desde essa altura nunca mais sentiu qualquer sintoma de epilepsia.

CAPÍTULO XV

Poderes miraculosos que Deus concede aos crentes

1. OUVINTE - Sem sombra de dúvida, não se limitava apenas aos tempos dos apóstolos ou dos mártires aquele conhecido vaticínio de Isaías: *«Então hão-de abrir-se os olhos aos cegos e desobstruir-se os ouvidos aos surdos; então os trôpegos saltarão como cervídeos e os mudos deixarão de ter a língua presa»*¹⁵.

2. NARRADOR - Nessa citação do profeta oportunamente aduzida, ele mesmo dá a entender que tal profecia se refere sobretudo à “plenitude do tempo”, quando por meio da misteriosa Encarnação do Verbo brilhou para o mundo a salvação. Por essa razão ele dissera imediatamente antes: *«Deus em pessoa virá para*

¹⁵ Is 35, 5.6

*nos salvar»*¹⁶. 3. No entanto, o mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, prometeu esse mesmo poder à posteridade dos crentes, conforme refere o Evangelho: «*Quem acredita em mim, também realizará obras maravilhosas como as que eu realizo»*¹⁷. Daqui se deduz que ele conferiu o poder de realizar milagres não apenas nos alvares da Igreja nascente, mas até ao fim do mundo. No entanto, como já salientei anteriormente, tal graça será concedida segundo conveniências ou oportunidades de tempos e lugares, em circunstâncias bem determinadas, e só dum modo especial àqueles que dignificam o seu título de cristãos com a integridade da fé e a garantia patente dum procedimento condigno.

4. Ainda mais uma observação. Segundo a promessa de Cristo, os santos quase sempre dão dele testemunho duma forma muito mais subtil do que com a realização de prodígios visíveis. Por exemplo quando anunciam com convicção a Palavra de Deus, ou com a perfeição da própria vida mostram como se deve proceder, ou ainda quando, sem deixarem de atender as súplicas que lhes são dirigidas, realizam autênticos milagres noutra esfera mais elevada. Ao procederem assim, estão como a dar vista a cegos espirituais, permitindo-lhes descobrir a verdade; ou a desobstruir ouvidos de surdos, entupidos pela obstinação, possibilitando-lhes ouvir e obedecer aos mandamentos divinos. 5. Da mesma forma estão a erguer às alturas das virtudes tantos trôpegos pela fatuidade de critérios e de acções; ou então a desembaraçar para uma salutar confissão certas bocas anteriormente caladas; ou a limpar leprosos da podridão contagiosa de algum mau hábito; ou a restituir tranquilidade e sossego a pessoas atormentadas pela crueldade diabólica; ou, enfim, a ressuscitar para uma vida espiritual presente e futura alguns a quem o veneno do pecado matara e fizera entrar em fétida putrefacção.

6. Tudo isto são autênticos milagres, embora os descrentes e os materialistas não considerem tais eventos dignos de admiração

¹⁶ Is 35, 4

¹⁷ Jo 14,12

em confronto com prodígios materiais. No entanto, se bem que para realizar quaisquer prodígios, tanto de ordem espiritual como material, tenha de intervir a mesma onnipotência divina, aos olhos do Juiz misericordioso é muito mais importante converter um ímpio do seu pecado do que restituir-lhe a vida corporal.

CAPÍTULO XVI

Três ressuscitados

1. OUVINTE - Lê-se nos Evangelhos que Cristo Senhor ressuscitou três mortos. Gostaria que me informasses se por mediação do nosso Santo se não terá também manifestado esse poder divino sobre pessoas defuntas.

2. NARRADOR - Vamos então às ressurreições.

(XXXIV) - O primeiro caso que vou referir passou-se no condado de Pádua. Certa mulher foi a casa duma vizinha buscar acendalhas. Quando regressava, viu a filha, ainda muito pequenina, que viera atrás dela, caída de borco, a boiar num charco de água lamacenta. 3. Gemendo de dor, a mãe correu a tirar a filhinha daquela fossa imunda. Mas quando conseguiu retirá-la, ao verificar que já não dava sinais de vida, pousou-a ali mesmo, ao lado da fossa. 4. Entretanto acorrera bastante gente a presenciar o triste espectáculo. Um homem dentre os presentes dependurou o corpiço da criança pelos pés, de cabeça para baixo, na tentativa de a fazer regorgitar algum líquido porventura ingerido. 5. Mas a criança não dava quaisquer sinais de sentir nada, e ainda menos de falar com os lábios cerrados e os músculos do rosto contraídos, não restava nenhuma esperança de a salvar. 6. Numa derradeira tentativa, porém, a mãe resolveu fazer a seguinte promessa: Se Santo António obtivesse do Senhor a graça de lhe fazer reviver a filhinha, ela levaria ao túmulo do Santo uma imagem da menina esculpida em cera. 7. Mal a mãe tinha acabado de formular a promessa, perante o olhar espantado de todos os circunstantes a criança começou a mover os lábios. Nesse momento alguém teve a ideia de lhe meter

o dedo na boca, e imediatamente ela vomitou a água que engolira. Assim, por mediação do Santo, essa menina morta foi reanimada de calor vital e restituída à vida.

8. (XXXV) - Um acontecimento bastante parecido com este ocorreu na cidade de Comacchio. 9. Vivia lá um indivíduo conhecido por Domingos, que certo dia saiu de casa para fazer qualquer trabalho, e foi seguido por um filho pequenino. 10. Ainda não ia longe quando olhou para trás... e já não viu a criança. 11. Apavorado, começou sem demora a procurar por todos os lados, e não tardou a descobri-lo: o filho caíra numa poça de água. Embora desalentado, não hesitou em se meter imediatamente à água no intuito de ainda ir a tempo de salvar a criança. Infelizmente, porém, ela já estava afogada, e assim foi entregue à mãe. 12. Sem esperar por mais nada, a desconsolada mãe invocou do fundo do coração e com gemidos de dor o auxílio de Santo António, fazendo-lhe uma promessa. Foi quanto bastou para logo sentir a alegria de reaver o filho outra vez com vida, por intercessão do Santo taumaturgo.

13. (XXXVI) - Na cidade de Monopoli, província da Apúlia, não longe do convento dos frades, encontrava-se certo jovem ocupado em proceder a uma escavação, quando se deu um aluimento de terras que o atingiu mortalmente e o soterrou. 14. Por feliz coincidência, uma criança viu-o desaparecer debaixo da terra, e foi, logo, a correr e a gritar, contar o caso à mãe do acidentado. 15. Ao ouvir tão horrorosa notícia, a mãe da vítima, num primeiro gesto de desespero, começou a esbofetear-se a si mesma e a arrancar os cabelos. Mas logo de seguida teve um procedimento mais sensato: debulhada em lágrimas, correu ao convento dos frades a gritar por socorro: «Vinde depressa, irmãos, vinde depressa a ver se salvais o meu filho, que ficou soterrado num desabamento!» 16. Ao ouvirem este grito desesperado, os frades acorreram sem demora, armados de enxadas e outros utensílios apropriados, e começaram a escavar no sítio onde se dera o desmoronamento. Enquanto eles trabalhavam, a mãe do jovem não cessava de suplicar: «Santo António, não me deixes ficar sem o meu filho!» 17. Entretanto, as

escavações iam pondo a vítima a descoberto: primeiro os pés, já lívidos sob o peso da terra; a seguir as nádegas, todas amachuçadas; outros, enfim, bateram com as enxadas no barrete que ele conservava enfiado na cabeça, fazendo nele nada menos de três buracos. 18. Quando por fim conseguiram desenterrá-lo completamente, verificaram o fenómeno espantoso de ele ainda estar vivo, embora bastante contundido. 19. Quiseram os frades saber como é que ele tinha conseguido sobreviver debaixo daquele montão de terra... E ele explicou: «Santo António pôs-me a mão em cima da garganta!» 20. Muitas pessoas ali presentes, ao ouvirem a explicação, deram graças a Deus e a Santo António.

CAPÍTULO XVII

Quatro possíveis destinos dos mortos e diferenças entre ressuscitados

1. OUVINTE - Incontestavelmente Deus é admirável nos seus santos, permitindo que, por mediação deles, voltem a usufruir da vida presente pessoas já despojadas do seu invólucro carnal, e a quem ele já tinha colocado na misteriosa situação de pena ou de paz, consoante o comportamento de cada um.

2. NARRADOR - Embora se leia nas páginas tanto do Novo como do Antigo Testamento que por vontade e poder de Deus muitos tenham ressuscitado dos mortos, a meu ver, no entanto, e com o devido respeito por melhor opinião, não é de crer que essas intervenções prodigiosas se tenham aplicado a todas e quaisquer espécies de defuntos. 3. Segundo dão a entender os Padres da Igreja, os finados podem agrupar-se, conforme os respectivos méritos, em quatro categorias. As almas de certos eleitos, resplandcentes de virtudes, são já dotadas de tão grande felicidade e abundância de graça divina, que de modo algum aceitariam trocar, por um instante sequer, a íntima contemplação da verdade por qualquer sombra de corrupção, nem tão-pouco se deixariam coagir a isso, fosse para se solidarizarem com pessoas queridas ou mesmo para

ocorrerem a qualquer necessidade. 4. Aliás nem sequer gozariam duma felicidade perfeita, se, depois de terem sido salvas pela graça de Deus e confirmadas na sua glória, fosse possível usar de violência contra a sua vontade. 5. Portanto, quando lemos que alguns desses eleitos, por misericórdia de Deus, apareceram aos seus devotos, umas vezes para chamarem a atenção dos fiéis, outras vezes para atenderem a pedidos de socorro, convém não esquecer que nenhum deles ficou entrementes vinculado à escravidão da miséria e da corrupção da vida corpórea.

6. Por outro lado, quanto às almas de certos réprobos, opinam os santos Padres que uma vez separadas do corpo, devido ao seu mau procedimento são relegadas para uma situação de castigo com tal severidade de justiça que nunca mais poderão experimentar qualquer lenitivo, onde quer que seja, pois durante a vida nunca mostraram interesse em amealharem recursos para o futuro. 7. E embora a mão de Deus, na majestade do seu poder, não tivesse dificuldade em voltar a chamá-los à fruição da vida presente, todavia, por isso ser contrário ao rigor da justiça, não se lê nas Escrituras canônicas que alguma vez tal privilégio tenha sido concedido a um só dos condenados.

8. Entre os dois extremos situam-se os medianamente bons e os medianamente maus, a ocuparem por assim dizer o espaço intermédio. 9. Os primeiros, por conservarem ainda laivos de imperfeição na virtude, são relegados das mansões celestiais para o purgatório, donde não podem sair livremente senão graças aos seus próprios méritos precedentes ou aos sufrágios dos fiéis. 10. Muitos dos defuntos desta categoria, no meu entender, terão sido chamados de volta à terra simplesmente por um gesto de bondade da clemência divina, talvez em consequência de algum sufrágio, e isso para alcançarem um acervo de méritos ainda mais abundante, ou então para expiarem culpas cometidas, por meio de penas aplicadas também cá em baixo.

11. Quanto aos medianamente maus, houve teólogos antigos de opinião que os sufrágios quer dos amigos quer dos santos pode-

riam após a morte mitigar-lhes os suplícios da condenação. Não sendo de todo contra a fé, tal hipótese, no entanto, é pouco provável. 12. Que alguém nessas condições tenha temporariamente saído do inferno para poder adquirir qualquer mérito, é coisa que ignoro. Mas deixando-me guiar pelo raciocínio, penso que semelhante opinião é indefensável, salva sempre a interferência dum poder infinito. 13. De resto, mesmo entre os ressuscitados de facto, é possível notar uma enorme diversidade além da anteriormente apontada.

14. Acontece por vezes, efectivamente, por excesso de graça do Deus misericordioso, serem as almas de alguns eleitos unidas aos respectivos corpos ainda antes do juízo final. Assim, formando já um todo indissolúvel e obtendo desde agora as primícias da glória que após o último julgamento será generalizada a todos os eleitos, não serão nunca separados por qualquer tentativa de divisão. 15. Fundados em boas razões, muitos teólogos pensam que terá sido isso o que aconteceu com as testemunhas da ressurreição de Cristo; e alguns santos, por sua vez, afirmam o mesmo piedosamente a respeito da Virgem gloriosa e Mãe do Senhor.

16. O mais frequente, porém, será as almas de certas pessoas falecidas tornarem a unir-se aos respectivos corpos apenas por períodos de tempo limitados, e não em definitivo. Quando isso acontece, como já se disse, ou é para os santos valorizarem ainda mais os próprios méritos, ou então com o fim de contribuírem para maior proveito de outros. No entanto, a seu devido tempo, não deixarão também eles de pagar finalmente o seu tributo à morte. 17. Assim aconteceu com Lázaro, com Tabitha, e com muitas outras figuras tanto do Novo como do Antigo Testamento. É esta, exactamente, a interpretação de muitos santos Padres.

18. Enfim, alguns corpos ressuscitam apenas por espaços de tempo muito breves, e não para incrementarem os próprios méritos, mas para conferirem mais espectacularidade a qualquer efeito, dado que a alma actua por meio dos membros do corpo. 19. Tal terá sido por exemplo o caso de Moisés ao aparecer na transfigura-

ção do Senhor: depois de prestar o obséquio do seu testemunho, desfez-se do corpo para o efeito assumido apenas por uns instantes. 20. Segundo alguns exegetas, seria parecido o caso do profeta Samuel, que por disposição divina anunciara antecipadamente a Saul a sua desgraça, e aparecendo-lhe depois de morto ainda lhe causou mais medo não só a ele, por não ter feito caso do seu vaticínio, mas também à bruxa a quem ele consultara; depois dessa aparição deve ter deixado logo o corpo assumido para o efeito e voltado à sua mansão misteriosa.

21. OUVINTE - Folgo imenso com o facto de tu, mesmo sem o saberes, teres emitido a respeito dos mortos ressuscitados uma opinião condizente com a minha, e reconheço que resolveste com brevidade e perfeição muitos problemas que poderiam encher volumes. 22. Mas peço-te agora que prossigas no assunto encetado: se te recordares de outros milagres que valha a pena contar, não deixes de os acrescentar à lista precedente.

CAPÍTULO XVIII

Um copo inquebrável e vários efeitos de milagres

1. NARRADOR (XXXVII) - Um militar de Salvaterra, por nome Aleardino, desde que atingira a capacidade de pensar por si mesmo, deixou-se iludir e arrastar à heresia. Certo dia veio com a mulher e a família à cidade de Pádua, onde o grande assunto das conversas eram os milagres de Santo António. Encontrando-se ele com outros comensais à mesma mesa, veio naturalmente à baila o tema dos tão badalados milagres. 2. Segundo a opinião de todos os convivas, tratava-se indiscutivelmente de um santo de Deus. Não, porém, para o nosso hóspede, que pegando num copo de vidro, e depois de o emborcar, se saiu com esta provocação: «Se esse tal, que vós considerais santo, fizer com que fique inteiro este copo, nesse caso dar-me-ei por vencido e acreditarei nas patranhas de que pretendeis persuadir-me». 3. Dito isto, desde o assento onde se encontrava a comer, arremessou com toda a força, contra o pavi-

mento de pedra, o copo de vidro. E o prodígio aconteceu: apesar de ter embatido violentamente na pedra, o copo ficou intacto, como puderam observar muitos mirones que se encontravam ali perto na praça. 4. Perante tal milagre, o militar reconheceu o seu erro. Correndo resoluto a apanhar o copo, levou-o, intacto como estava, aos frades, a quem contou as suas baboseiras e o prodígio ocorrido.

5. Acabou por se confessar e aceitar com humilde devoção a penitência imposta. Daí em diante aderiu lealmente a Cristo e não se cansava de proclamar a sua grandeza.

6. OUVINTE - Neste episódio há um pormenor muito estranho para mim. Está escrito: «*Não tentarás o Senhor teu Deus*»¹⁸. Como explicar então que se não tenha escaqueirado um copo de vidro ao embater na pedra, tendo sido arremessado furiosamente por um indivíduo que ridicularizava um santo?

7. NARRADOR - Com permissão de Deus, senão mesmo por sua iniciativa, acontecem por vezes coisas espantosas para desacreditar a má-fé e a presunção dos ímpios. Talvez tais portentos passem mesmo desapercibidos aos próprios intervenientes, mas redundarão em proveito e edificação e serão motivo de piedade para quem se queira abrir à misericórdia divina. 8. Por isso é que muitas vezes, dado o excesso de graça e generosidade de Cristo, tais acontecimentos estimulam os próprios provocadores a reconhecerem o seu mau procedimento, como é patente no episódio referido. 9. Se, às vezes, por insondável juízo divino, aos que ridicularizam a graça ou desafiam o poder de Deus, casos destes ainda os deixam mais obcecados, outras vezes conseguirão purificá-los do pecado da incredulidade.

¹⁸ Mt 4, 7.

CAPÍTULO XIX

Outros milagres e como não pôr em confronto o valimento dos santos

1. (XXXVIII) - CASTIGO E CURA DUM TROCISTA. Guidotto, eclesiástico de Anguillara, estando certo dia ao serviço no paço episcopal de Pádua, não se coibia de fazer chacota, embora veladamente, das testemunhas que vinham prestar depoimento sobre milagres do Santo. Na noite seguinte começou a sentir-se atormentado por uma dor violenta em todo o corpo, a ponto de ficar absolutamente convencido da iminência da morte como justo castigo da sua atitude. 2. Mas por se considerar indigno de misericórdia, resolveu valer-se da própria mãe, pedindo-lhe humildemente para interceder por ele no sentido de lhe alcançar a graça de recobrar a saúde; sendo ela uma mulher de grande fé, poderia mesmo fazer nessa intenção alguma promessa ao Santo... 3. A promessa foi feita, e ainda antes do raiar da aurora, o doente entrou em convalescença. Desta sorte, aquele que em sua incredulidade ridicularizara as testemunhas da verdade, tornou-se ele próprio testemunha da mesma verdade e divulgador da glória de Cristo.

4. (XXXIX) - NAUFRÁGIOS. Certo dia um grupo de vinte e seis pessoas, homens e mulheres, entraram num barco em Santo Hilário, rumo a Veneza. 5. Ao cair da tarde tinham chegado à laguna de S. Jorge de Álega, quando se levantou uma violenta tempestade. A primeira ideia foi a de se refugiarem nesse mesmo local. 6. Porém, sacudidos pela ventania cada vez mais forte, foram arrastados para outras paragens totalmente desconhecidas. Devido à chuva espessa e batida pelo vento, estavam envolvidos por uma escuridão que mal lhes permitia verem-se uns aos outros. Ia-se esvaindo a esperança de se poderem salvar da morte. 7. Decidiram então preparar-se para ela, confessando-se a um sacerdote que fazia parte do grupo, e recebendo a absolvição. Enfim, em altos gritos e abundantes lágrimas, começaram a fazer várias promessas a Deus e a Santo António. 8. À medida que tais promessas iam sendo formuladas, ia amainando a borrasca em torno do barco. No

entanto, as trevas da noite não permitiam a nenhum dos presentes descortinar onde se encontravam nem para onde se dirigiam. 9. Eis senão quando, apareceu um feixe de luz, procedente do barco, a iluminar a rota à frente dos tripulantes, que agora choravam de alegria, e a conduzi-los a salvo à povoação de S. Marcos Pequeno, nas proximidades de Veneza. 10. Assim foram arrebatados dos braços da morte por mediação do Santo. Ao chegarem lá, desapareceu-lhes de repente de diante dos olhos o clarão que tinha vindo à frente deles: só depois de os pôr a salvo deixou de lhes servir de guia.

11. OUVINTE - Este episódio que acabas de referir faz-me lembrar outros naufrágios ocorridos no tempo de S. Nicolau...

12. NARRADOR - Em meu entender, é muito difícil e sobretudo muito perigoso estabelecer paralelos ou confrontos entre diversas intervenções de santos. 13. Com efeito, se avaliamos o valor da sua mediação a partir de prodígios palpáveis, verificamos com frequência que alguns santos realizaram milagres aparentemente mais pequenos, ou em menor número, ou até nem chegaram a realizar qualquer milagre visível — e no entanto, segundo o sentir comum dos fiéis, deram provas irrefutáveis de grande santidade e perfeição na vida e nos costumes. 14. Por conseguinte, se te parece tão admirável o prodígio ocorrido aos que foram salvos do naufrágio no tempo de S. Nicolau, vou referir-te um caso não menos prodigioso que me recordo haver respigado de entre as gestas oficialmente comprovadas do nosso Santo.

15. (XL) - SALVAÇÃO DUMA MULHER QUE SE TENTOU AFOGAR. Uma mulher de Montessíllice, indo de romagem a Pádua em companhia do marido e de outras mulheres, exteriorizava, em tagarelice e em risadas, a alegria que lhe inundava a alma. 16. É que o marido tinha-lhe prometido pouco antes levá-la também com ele a visitar o santuário de Santiago, como ela tanto suspirava. 17. Mas perante um entusiasmo que lhe parecia bastante descomedido, o marido sentiu-se no dever de tentar pôr um travão àquela hilaridade e àquelas casquinadas, e avisou-a: «Que é que te deu

para andares assim tão estouvada, sempre a tagarelar e a rir? Na ilusão duma vã esperança, chegas a ter atitudes menos correctas... Pois fica sabendo que mudei de ideias: resolvi pôr de parte os planos da peregrinação ao lugar aonde tinhas tanto empenho em ir...».

18. E tanto a chateou com reprimendas deste género, que a mulher, depois de haver aguentado em silêncio durante muito tempo, explodiu, e, de feições transtornadas, ripostou ao rezingão: «Se não cumprires a promessa já feita da peregrinação, quero que saibas, em nome de Jesus Cristo e de Santo António, que eu morrerei afogada nestas águas que correm aqui ao lado». 19. Ele, porém, não ligou meia às palavras da mulher. Pelo contrário, ainda mais se empederniu, chegando a chamar-lhe palerma, enquanto continuava a afirmar, cada vez mais decidido, que não cumpriria a promessa. 20. Desiludida e descorçoada, a pobre mulher resolveu pôr termo à vida: invocou o nome de Santo António e atirou-se às águas.

21. Vendo-a as outras mulheres do grupo a estrebuchar no meio da corrente, ficaram estarecidas. Dirigiram-se a correr para o local, e sem fazerem caso do pudor feminino meteram-se à água, encharcando por completo as roupas e todo o corpo até à cintura, mas sempre conseguiram extraí-la da corrente. 22. Depois de a terem trazido para fora e deitado na margem, verificou-se o mais espantoso do caso: Todas as companheiras que lhe acudiram tiveram de torcer as roupas, embebidas em água, para a eliminarem; mas a ela, saída da mesma água para a margem do rio, nem um só fio da roupa interior se lhe tinha molhado. 23. Aquele gesto desesperado de se atirar a água resultou mais de insensatez que de virtude, não há dúvida. Mas acreditamos que terá sido a intervenção do Santo, invocado no último instante, a obter-lhe de Deus esta graça. Tendo ele sido sempre tão amigo da simplicidade, como sabemos, conservou ileso no meio das águas a simplicidade, embora muito leviana, daquela mulher.

CAPÍTULO XX

Efeitos vários da protecção dos santos

1. OUVINTE - É evidente que o poder mediador dos santos leva com frequência as pessoas simples a fazerem promessas, e que Deus, operando por mediação deles, atende muitas vezes aos pedidos formulados, seja para proveito, seja para emenda de quem os fez.

2. NARRADOR - A intervenção dos santos, sem sombra de dúvida, redundava sempre em proveito dos suplicantes, como dizes: isso é verdade tanto no caso de eles concederem o favor implorado, como no caso de o não concederem. 3. É, porém, muito vulgar pedirem-se coisas de qualquer forma inconvenientes, em razão do lugar ou do tempo: e então os santos, por permissão divina, concedem outros benefícios no sentido de corrigirem a falta de discernimento dos suplicantes. 4. A este propósito, e a título de exemplo, vou recordar um caso portentoso do nosso taumaturgo — um entre muitos — ocorrido em benefício duma mulher.

5. (XLI) - Uma das irmãs serviçais da Ordem das Senhoras Pobres, chamada Oliva, quando o corpo de Santo António estava ainda por sepultar, aproximou-se dele em atitude suplicante e beijou-lhe as mãos. 6. Formulou entretanto vários pedidos, entre os quais este: que por sua intercessão o Senhor lhe infligisse já na vida presente as penas merecidas pelos próprios pecados e não deixasse nada a ser expiado no futuro. 7. Quando, após esta oração, a religiosa entrou no mosteiro, foi imediatamente acometida por dores violentíssimas em todo o corpo, a ponto de não poder suportar tão enormes tormentos e com seus gritos estridentes perturbar imenso as outras irmãs.

8. Só ao anoitecer começou a sentir um pouco de alívio, e no dia seguinte já pôde entrar discretamente com as demais irmãs no refeitório. Mas depois de se ter sentado à mesa com elas, voltou outra vez de repente a sentir guinadas de dor, dando a impressão de

se encontrar não num refeitório a comer, mas numa maternidade prestes a dar à luz, gritando e contorcendo-se para um lado e para o outro. 9. Por ordem da abadessa foi levada para a enfermaria. Aí, em vez de pedir para sofrer nesta vida as penas dos pecados, como anteriormente fizera com tanto fervor, rogava agora incessantemente a graça dum lenitivo. 10. Nessa altura recordou-se de que tinha guardado como relíquia um pedacinho da túnica do Santo, e pediu para lho trazerem. Passando-o por sobre o corpo, todas as dores desapareceram instantaneamente e por completo.

11. (XLII) - UMA SEARA DEFENDIDA DA PASSARADA. Certa mulher de Tremignon, de nome Jovita, tendo ouvido falar dos milagres de Santo António, ficou ansiosa por ir visitar-lhe o monumento sepulcral. Só que não tinha possibilidade de se ausentar, por se ter encarregado de defender da invasão dos pássaros uma seara de painço já quase em condições de ser ceifado. 12. Certo dia veio até à sebe de vedação que circundava o campo, e fez a promessa duma novena de visitas à tumba de Santo António se ele se encarregasse de defender dos assaltos da passarada a seara de painço. 13. Mal acabara de fazer a promessa, logo se levantou da vedação um bando enorme de aves a voar para longe — e nunca mais se viu nenhum pássaro pousado nos salgueiros que serviam de cercadura ao campo de painço.

CAPÍTULO XXI

Fidelidade em cumprir as promessas

1. OUVINTE - Achas que as promessas feitas aos santos e não cumpridas por quem as formulou, vincularão os seus autores, sobretudo tendo em conta que os santos, por eles, não buscam vantagens temporais?

2. NARRADOR - Está escrito: *«Quando fizeres a Deus uma promessa, não te demores a cumpri-la: ele não gosta de irresponsáveis. Cumpre o que prometeste. É melhor não prometer do que*

*prometer e não cumprir»*¹⁹. Assim sendo, teremos de admitir que os santos também não hão-de apoiar uma atitude que sabem desgraçar ao seu Senhor. 3. E de facto não é raro eles retirarem uma graça já concedida, dando assim a entender que exigem dos fiéis a realização daquilo que haviam prometido.

4. (XLIII) - CASTIGO E CURA DUMA CRIANÇA. O Henrique era um menino da cidade de Pádua a quem começou a inchar o pescoço. Depois de andar assim durante quinze dias num sofrimento atroz, a mãe, preocupada, fez a promessa de levar ao sarcófago do taumaturgo uma cabeça com o respectivo pescoço, feita de cera.

5. Antes, porém, levou o próprio filho doente ao sepulcro miraculoso, e ao regressarem a casa a criança não tardou a dar sinais de cura. 6. Mas como a mãe se descuidou de cumprir a promessa feita, o resultado foi recomeçar a inchar o pescoço do miúdo, com dores idênticas às da crise anterior. 7. Convencida de ser ela a culpada dessa recaída, com toda a razão se sentiu aflita e tratou logo de mandar para o mausoléu do Santo o prometido ex-voto de cera, de uma cabeça com o respectivo pescoço. 8. Cumprida assim a promessa, o inchaço do pescoço começou novamente a diminuir e cessaram as dores. Dentro de poucos dias o garoto estava novamente cheio de saúde.

9. OUVINTE - Já contaste uma porção de casos, e deveras maravilhosos. Mas por favor não deixes de continuar a descrever outros prodígios do mesmo Santo de que te consigas recordar.

10. NARRADOR (XLIV) - Chamava-se Bartolomeu um militar de Camporotondo, cuja filha foi afectada pela formação de cálculos no tracto urinário, sofrendo em consequência disso dores lancinantes, ao ponto de em certas épocas do ano os seus gemidos parecerem o latir de um cão. 11. A mãe, chocada pelo sofrimento atroz da filha e cheia de pena dela, fez a Santo António uma promessa repassada de humildade e devoção, pedindo-lhe que se dignasse restituir à filha a cura tão suspirada. 12. Emitida a promessa,

¹⁹ Ecl 5, 3.4

logo a rapariga expulsou o cálculo, e daí em diante nunca mais sentiu qualquer sintoma dessa disfunção.

CAPÍTULO XXII

Conclusão do tratado dos milagres

1. NARRADOR - Todos os casos extraordinários referidos anteriormente, e muitos outros não registados neste livro, são obras do Senhor, embora realizadas por meio do seu servo António.

2. Dos seus numerosíssimos milagres seleccionei e escrevi apenas uns poucos, até para dar a outros, se assim o desejarem, a oportunidade de acrescentarem mais maravilhas atribuídas ao mesmo Santo, e para estimular o interesse pela leitura com um estilo sucinto. 3. Se fôssemos a escrever um por um todos os seus milagres, receio bem que por um lado o número excessivo dos mesmos acabaria por se tornar enfadonho, e por outro lado a característica insólita de factos tão extraordinários poderia até provocar dúvidas em certos espíritos menos bem preparados.

FIM DA BIOGRAFIA
E DOS MILAGRES DE SANTO ANTÓNIO

CAPÍTULO XXIII

Epílogo geral do Diálogo

1. NARRADOR - Como podes ter verificado, irmão, empenhado como estava em satisfazer os teus pedidos, descaí por vezes em palavreado excessivo, como aliás acontece com frequência a muito boa gente, e ultrapassei os limites duma conversa. 2. Quero crer que apesar disso me perdoarás, até porque bastantes vezes foste tu mesmo a pedir explicações de certos acontecimentos descritos, vendo-me eu assim obrigado a desviar-me do rumo previamente estabelecido da narrativa. À semelhança de um caçador em busca de caça escondida, divaguei um bocado a investigar as sendas dos vários assuntos através do matagal espesso das Escrituras, na tentativa de trazer tudo à luz do dia, segundo a limitada capacidade do meu engenho.

3. Um cão de caça não avança sempre a direito nem em corrida cadenciada: às vezes avança na pegada dos vestígios do animal que foge na dianteira, guiado porventura por marcas de sangue que ele tenha deixado, mas as mais das vezes detectando unicamente o odor espalhado no ar, graças ao seu faro extremamente apurado. É assim que ele vai tentando descobrir a presa ambicionada, em correrias ofegantes, ora por caminhos viáveis, ora por sendas impraticáveis, a torto ou a direito, para a frente ou para trás... 4. De modo semelhante, quem pretenda enfronhar-se em assuntos intricados, ver-se-á necessariamente constrangido a investigar o verdadeiro e o falso, a experimentar situações semelhantes e opostas, a considerar por vezes os antecedentes e as consequências, e enfim, tem de atender a circunstâncias imprevisíveis. Só assim conseguirá apresentar a um leitor menos esclarecido a luz da verdade revestida como de uma nuvem, ou atingir uma inteligência débil e rude com dardos de bons argumentos, mostrando a realidade de como que envolvida em paninhos de criança.

5. Não pretendo, contudo, insinuar que no decorrer deste trabalho eu tenha exposto ideias grandes ou sublimes graças à minha inteligência ou habilidade: quase sempre me limitei a responder às

tuas perguntas apelando à minha capacidade e engenho, conformando-me com opiniões e pareceres dos antigos, ou seja, como já salientei, se não estou em erro, coisas que me lembro de ter lido em escritos de santos e doutores. 6. Vou aqui pôr ponto final às minhas palavras. Se alguém achar que sobre um ou outro assunto eu tenha dito menos do que deveria, não me castigue como se eu de propósito houvesse procedido mal, mas corrija-me, sim, por ter errado.

7. Também me apraz dar por findo este diálogo, não por inveja de quem saiba e queira contar maiores e mais numerosas proezas de irmãos nossos, mas antes pelo contrário, para por meio deste trabalho estimular outros e dar-lhes oportunidade de acrescentarem novos motivos para enaltecerem esses nossos confrades. 8. De uma coisa, no entanto, desejo tornar a advertir o leitor, como já fiz no princípio da narrativa: sobre assuntos referentes ao Pai S. Francisco, deixo-os a cargo de quem seja mais dotado de engenho e arte. Quanto a episódios que eu tenha lido ou ouvido relatar acerca de outros irmãos, também pus muitos de parte, consciente e deliberadamente, a fim de me não tornar pesado aos leitores nem aos ouvintes, pondo-me a desfilar factos idênticos ou parecidos, numa ladainha infundável de peripécias.

9. Oxalá alguém possa e queira acrescentar a este meu trabalho informações de acontecimentos passados que não chegaram ao meu conhecimento, ou episódios ocorridos posteriormente e proveitosos para revigorar a fé. Se tal acontecer, congratulo-me de ter encontrado alguém disposto a preencher as minhas lacunas.

10. Como companheiro nas loas ao Senhor, dou-lhe um abraço fraterno, e considero para mim uma honra imerecida descobrir um colega disposto a enaltecer a glória dos irmãos da nossa Ordem.

FIM
GRAÇAS A DEUS
AMÉM